Revista da Semana

ANNO XXXII -- N. 12 Preço 1$200 7 de Março de 1931

Visitem a linda Exposição dos productos " 4711 " na Perfumaria Bastos, Rua Republica do Perú, 78.

Este numero consta de 40 paginas

ANNO XXXII | **Rio de Janeiro, 7 de Março de 1931** | **NUMERO 12**

A YÁRA *por Octavio Tavares*

"A Yára é uma nympha das aguas, ao mesmo tempo mulher e homem, mulher para seduzir os homens e homem para seduzir as mulheres. Quem olha descuidadamente o espelho do rio ou da lagôa vê a Yára, na sua radiante formosura: ella abre os olhos num perfido convite, attrahe a victima, leva-a para o fundo do seu palacio encantado, e mata-a no arrebatamento delicioso das nupcias funestas. Velho symbolo, antiquissima creação do sonho humano! A Yára é aquella mesma Sereia dos primeiros gregos, metade mulher e metade peixe, que o ousado Ulysses um dia encontrou nas suas peregrinações pelo mar; é aquella mesma Loreley, fada da Germania, que Heine descreveu, num lindo poema, encantando e extasiando os pescadores do Rheno e impellindo-os a se despedaçarem contra os escolhos".

Foi assim que Olavo Bilac a descreveu, mas parece que todo o infinito prestigio de seducção da Sereia de Ulysses e da Loreley do Rheno se encarnou na nossa Yára da Amazonia, porque ella é de lá, de lá apenas, da terra esplendida dos rios caudalosos e immensos e dos lagos mysteriosos, sobre cujas aguas as victorias-régias abrem ao luar o calice das flôres.

Os tempos passam... Fica, porém, intacta a poesia da lenda. E é por isso que o caboclo ousado e valente, que não se arreceia de enfrentar o jacaré, cortando na fragil concha da ubá o labyrintho dos rios gigantescos, ainda fica a tremer, transido de susto, com o pavor de se ver envolvido na trama da irresistivel attracção da Yára.

Um dia, porém, ella acaba colhendo-o

O caboclo, sob a influencia da nympha das aguas, approxima-se. Ferem-lhe os ouvidos, affeitos á harmonia da avi-fauna da Amazonia, melodias extranhas, nunca percebidas.

Nem o yrapurú — a milagrosa avesinha que é o desespero dos naturalistas e que tem o condão de fazer calar as outras e de arrastal-as como um immenso sequito alado— nem o yrapurú seria capaz de cantar assim!

E elle, o caboclo audacioso, transtornado, fascinado, dominado, vae chegando, vae chegando, com a ansia de ouvir melhor e o impeto inilludivel de vêr a dona da voz mysteriosa. Na cathedral de verdura da floresta amazonica resôa o cantico milagroso e incomparavel. Quem póde resistir?

E elle vae chegando, guiado pela doçura da voz que insiste em attrahil-o. O instincto fal-o adivinhar as veredas todas que vão ter á beira das aguas. E o caboclo, ardendo de ansiedade, transfigurado e perdido, vence a distancia e desemboca, attonito, sobre as aguas tranquillas, ensombradas pelas arvores annosas e tecidas de flôres. Parece que são as proprias aguas que cantam! Mas não!

De dentro dellas emerge o vulto precioso da Yára...

Se aquella gente ingenua tivesse a noção dos prélios de belleza, não haveria um só caboclo que deixasse de conferir á Yara o titulo eterno e intransferivel de Miss Brasil.

Ella é, em verdade, tudo o que ha de mais lindo. Quando o seu busto aflóra sobre as aguas, e o seu olhar incide, penetrante e irresistivel, sobre os mortaes; e os seus longos cabellos louros esplendem numa prodigiosa scintillação de ouro; e a sua voz, de doçuras infinitas, enche de harmonia todo o ambiente glorioso das selvas, não ha mais quem possa resistir, quem possa luctar, quem possa fugir á magica attracção. O caboclo — coitado! — sente o deslumbramento, sente o desvario, a loucura infrene, e já nem tenta furtar-se a essa nova encarnação da Sereia de Ulysses e da Loreley dos pescadores do Rheno...

A Yára chama-o! Chama-o com os olhos incendidos, com a voz transbordante de ternura, com o esplendor insuperavel da belleza!

Não póde mais vacillar! Entrega-se de corpo e alma! Atira-se ao seio das aguas, atirando-se nos braços da Yára!

No logar onde ella apparecera, pondo fóra do lago o busto apenas, existe somente um borbulhar de aguas... Lá se foram, ella e elle, para o abysmo profundo e insondavel!

E os outros, aquelles que nada viram, mas que adivinharam tudo, descrevem a scena...

Lá no fundo do lago ha um palacio encantado, um palacio como não ha egual no mundo, e é ahi que a Yára retem o caboclo, algemado ao seu encanto, preso á sua fascinação por toda a vida...

Passam-se os tempos, mas a lenda continúa, intacta, a encher de poesia as florestas da Amazonia e de susto a alma ingenua e bôa dos caboclos...

OCTAVIO TAVARES

FOGACHO

conto de Jean de Kerlecq

Elle, bonito, bonito, não era. A Natureza não lhe prodigalizára as suas graças. Um tanto pernalta, de pello hirsuto e aspero, nenhuma dama elegante o adoptaria; bastava, porém, a gente olhal-o um momento, para adivinhar o que havia de doçura e fidelidade sob aquelle aspecto grosseiro; e quando elle fixava em alguem os olhos melancolicos, com qualquer coisa de ingenuo, de infantil, não era possivel resistir a tal invocação. Quem conhecia aquelle cão ruivo realmente o estimava, considerando-o um amigo certo e provado.

O dono, um pastor das planicies louras da Beauce, tinha lhe posto o nome de Fogacho, porque, de facto, quando elle caminhava ao sol, parecia despedir, de vez em quando, do lombo ruivo, uma especie de labareda.

Adoravam-se.

Francisco Leber tinha tal affeição, tal apego a Fogacho que, ao ser mobilizado, resolveu leval-o comsigo para a guerra. E em breve elle era o mais popular dos *poilus* da Companhia. Tornou-se, nas trincheiras, o guarda vigilante do dono; e descobriu e inutilizou varios golpes de surpreza do inimigo.

Ferido numa offensiva, Leber foi transportado para a retaguarda. A primeira vez que desceu, convalescente, ao pateo do hospital, lá encontrou Fogacho, á sua espera. São coisas que se não esquecem.

Terminada a guerra, voltou o pastor para a sua planicie, com o seu cão. Nada mudara. Apenas o rebanho diminuira um pouco... A affeição de Francisco Leber pelo cão ruivo tornara-se uma especie de paixão. E, encarregado agora de conduzir á Vilette as suas melhores ovelhas, novamente decidiu levar comsigo o companheiro.

A viagem correu sem novidade. Entregue o gado ao comprador, Francisco desceu para a cidade, com o cão. O pastor pouco conhecia Paris. Desnorteou-se nas ruas em que a circulação attinge o maximo de intensidade. Foi apanhado num turbilhão de gente, impellido até ao passeio.

Quando se viu livre da turba que o envolvera, assobiou pelo cão. Assobiou longamente. Mas debalde. Fogacho tinha desapparecido.

Procurar o animal naquella agitação condensada, naquelle marulhar humano, era loucura. Todavia, Leber tentou. Dirigiu-se a varios transeuntes, perguntando-lhes, com lagrimas na voz, se acaso não tinham encontrado um cão ruivo... E tão sincera, tão communicativa era a sua emoção que ninguem o achava boçal ou ridiculo...

A' noite, ao cabo de quatro horas de vãs pesquizas, Francisco viu que não podia partir sózinho. Tomou commodo, para passar a noite, numa hospedaria modesta, decidido a recomeçar, assim que amanhecesse, as suas investigações.

Desnorteado, atarantado pelo tumulto da rua, Fogacho tentara inutilmente encontrar o rasto do dono...

Veiu a noite e elle não poude supportar a projecção brutal dos combustores, o esplendor violento dos mostradores das lojas. Offuscado por aquella profusão de luz artificial, esbarrava nos transeuntes apressados; e assim numa hora apanhou mais pontapés que em todo o resto da sua vida.

Escapou de ser esmagado por varios automoveis; uma roda, porém, lhe apanhou uma das patas; e cheio de tristeza e decepção, quasi morrendo de fadiga e de fome, foi dar debaixo dum banco, lá emcima, para os lados de Montmartre.

Dois dias assim passaram.

Enxotado de toda a parte — de mais a mais era tão feio! — o pobre cão arrastava pela cidade o seu infortunio silencioso, vivendo de nada, parecendo não ver nada diante de si...

No terceiro dia, estando a espreguiçar-se para retomar o caminho do seu calvario, foi brutalmente agarrado, amordaçado, atirado para dentro dum carro baixo e gradeado, onde já iam outros de certo não menos infelizes e miseraveis do que elle...

Um pateo. Um pateo sombrio, homens de vozes duras e gestos bruscos, um relento de gaz... Era a *fourrière*, o deposito dos animaes encontrados na rua, o tumulo dos cães sem dono...

Encerrado numa gaiola exigua, Fogacho viveu alguns dias duma ração avaramente medida.

Começava a desesperar da sorte quando viu parar defronte do seu cubiculo um grupo de homens. Comprehendeu que o seu destino se ia modificar; humilhou-se, fez-se mais meigo e acariciante...

Um homem avançou do grupo, passou-lhe ao pescoço uma colleira e puxou por elle.

O coração do cão ruivo encheu-se de esperança e jubilo.

Talvez o fossem levar ao dono...

Lambeu a mão do homem que o levava e a sua cauda agitava-se prazenteiramente como outrora, quando Francisco Leber, imitando o som dos beijos, o chamava.

Pobre animal confiante...

Vinte minutos depois, era introduzido num vasto laboratorio e de novo enjaulado.

Passou alli horas de angustia.

Custava tanto a chegar a liberdade! Tel-o-ia o dono esquecido?

Pelo meio da tarde, novamente o agarraram. Foi levado para uma sala onde fluctuavam cheiros extranhos, indefiniveis. Homens severos e graves o acolheram sem um gesto de afago ou animação...

Comprehendeu que não tinham acabado ainda as suas tribulações. Tentou subtrahir-se á ameaça occulta sob a mascara impassivel dos desconhecidos...

Apanharam-n'o, amarraram-n'o solidamente a uma prancha. E Fogacho, impossibilitado de se mover, tornou-se objecto duma attenção singular.

Agora, o mais velho dos homens perorava... Os seus longos dedos remexiam estranhos instrumentos, laminas afiadas de fresco e cujo aço, sob a cúpula da sala, despedia reflexos de espelho.

O discurso, pomposo e magistral, pouco durou. A mão do sabio descreveu uma curva graciosa e desceu sobre o cão, cuja espinha fremiu apavoradamente.

O escalpelo rasgou-lhe o couro, appareceu a carne viva...

Fogacho soltou um rugido de dor e correu com o olhar supplicante o areopago, a quem aquella scena de horror parecia não causar a menor commoção. Assim os olhos da victima só encontraram physionomias fechadas, indifferentes. E a mão do mais velho proseguia na tarefa abominavel.

Então Fogacho pensou:

— Que fiz eu a estes homens, para se encarniçarem contra mim? Por que me martyrisam? A mim que só desejaria amal-os, obedecer-lhes...

A uma dor mais violenta, fechou os olhos. Sentiu que alguma coisa o attingira no centro mesmo da vida. Soltou um grande grito e desmaiou.

◙

Quando recobrou os sentidos, Fogacho viu-se de novo no cacifo. Tentou erguer-se, não poude. O mais leve movimento o fazia gemer. Tinha o corpo inteiro como uma só chaga; e uma dor aguda lhe repuxava as entranhas.

O luar inundava o amphitheatro.

Fogacho ergueu os pobres olhos suppliciados para o canto do céu entrevisto através da vidraça.

Todo o seu passado resuscitava... O rebanho desfilava na planicie irisada... O canto dos segadores morria ao longe, como o rumor dum mundo que se extingue... As ovelhas baliam tristemente...

Oh, dono! Onde estarás a estas horas? Onde estarás?

Entrou no amphitheatro a luz baça do dia. Ao longe, recomeçava o ruido surdo, hostil da cidade desconhecida. E, pouco a pouco, tudo em volta se reanimava.

O cão ruivo estremeceu.

Voltariam os seus algozes?

Reappareceram, por volta do meio dia. Eram cerca de vinte, esquisitamente paramentados, impassiveis sempre.

O cão chorou.

Fechou os olhos como na vespera, para não ver o gesto do cathedratico. O bisturi fendeu a carne; o sangue esguichou, borrifou o chambre branco do velho.

— Não faz mal... disse este... Infelizmente, o bicho não dá mais nada. Era um trabalho bastante delicado...

Neste momento, a porta voou em pedaços. Appareceu um homem de blusa, com os olhos esbugalhados, e tão ameaçador que, diante da sua estatura formidavel, todos os estudantes recuaram.

Francisco Leber soltou um grito de dor e de raiva.

— Assassinos!

Ao som daquella voz bem amada, o cão ergueu as palpebras; o olhar já meio extincto fixou-se no pastor...

O camponio arremessou-se sobre o corpo torturado, poz um beijo entre as orelhas fremente...

Num derradeiro esforço, o cão soergueu o peito, lambeu a mão adorada, recahiu no marmore. Alguns espasmos lhe distenderam os nervos. E expirou.

Francisco Leber ergueu-se, terrivel. Fartas lagrimas lhe inundavam o rosto queimado pelo sol generoso dos verões.

— Ah, malvados! rugiu elle.

E, piedosamente, carregou nos braços o corpo do companheiro.

Nhambiquaras e Parecis

por Hermeto Lima

ANTES das expedições do general Rondon, pouco se sabia desses indios que habitam os sertões de Matto Grosso. Depois dellas, porém, á custa de muito trabalho, foram-se colhendo informações interessantes acerca desses aborigenes e que, por serem pouco conhecidas, vamos dar aos nossos leitores.

O principal caracteristico dos Nhambiquaras é que, como os outros indios, não dormem em rêdes e sim em pleno chão, ao relento.

São infensos á civilização e recebem com hostilidade todos aquelles que tentam invadir o logar onde habitam. Pertencem á tribu Congerê, que habita o valle do rio Burity. Inimigos irreconciliaveis dos Parecis, o general Rondon conseguiu ter um encontro com elles. O mesmo general calcula que elles sejam em numero de vinte mil, distribuidos por varias aldeias. As suas armas são o arco e as flechas de pontas farpadas. Nas caçadas de certos animaes elles se escondem em casinhas de folhas de palmeira e por uma abertura despedem as flechas afim de não serem vistos pela caça. Para caçarem os inhambús, macucos e aves semelhantes fazem uma armadilha. Os seus utensilios domesticos são: pilões, pratos ou bandejas de tecido de tabóca, potes de barro, panellas, tambem de barro, cabaças etc. O vicio do Nhambiquara é o fumo, do qual nunca se separa. Elles preparam o fumo torrando as folhas do tabaco, que cultivam nas suas roças. Quando um Nhambiquara está doente o curandeiro começa por sugar o ponto em que o doente accusa as dores, depois leva a mão á bocca e arremessa-a para o longe, como se tivesse tirado alguma coisa do corpo do doente. Obtêm o fogo friccionando a madeira, enfeitam-se com collares de contas feitas de côco e furam o beiço superior para atravessar um estylete ou uma penna de papagaio. As mulheres andam inteiramente nuas e os homens apenas trazem um cinturão e ligas, que amarram fortemente nos braços, pulsos, joelhos e tornozellos. Para atravessarem os rios o fazem a nado, levando um feixe de talos de burity, que boia como uma cortiça.

Nhambiquara Anouzê (pae do indio Nube).

Guerreiro Cocozú (grupo dos Nhambiquaras).

Quanto aos Parecis que tambem habitam Matto Grosso, dividem-se em tres grupos principaes: Caxinitis, Uaimarés e Cozarinis. Entre os seus costumes mais extravagantes destaca-se o das ceremonias funebres.

Quando se dá algum fallecimento, toda a aldeia lamenta o finado em voz alta. Em seguida sepultam-n'o no interior da choupana em que elle morava, abrindo uma cova bem proximo ao logar em que estava a rêde em que dormia. Na cova collocam os seus arcos, roupas, utensilios diversos e as flechas, previamente quebradas. As covas são redondas e a sepultura fica marcada por um montezinho de terra na abertura.

Muito joviaes, nunca perdem pretexto para dansar e cantar ao som de flautas e do ruido de castanhas de piqui, que prendem ao tornozello da perna direita. Algumas dessas festas são privativas dos homens. As mulheres ficam fechadas em suas casas e procuram não ver o que se passa, pois acreditam que isso lhes traria infelicidade.

Os Parecis gostam muito do jogo da bóla na qual elles só batem com a cabeça. Essa bola é fabricada por elles proprios, duma pellicula de borracha, cheia de ar.

Os homens empregam-se nas caçadas, pescarias, colheitas de mel e de fructos silvestres. Muito trabalhadores, cultivam o milho, a mandioca, o algodão, a batata, o fumo e o cará.

Morro Grande do Cemiterio: o general Rondon e seu filho (após cinco mezes de expedição).

— Vou comprar um romance.
— Que romance?
— Qualquer. A minha noiva deu-me uma faca de abrir livros...

A affeição canina

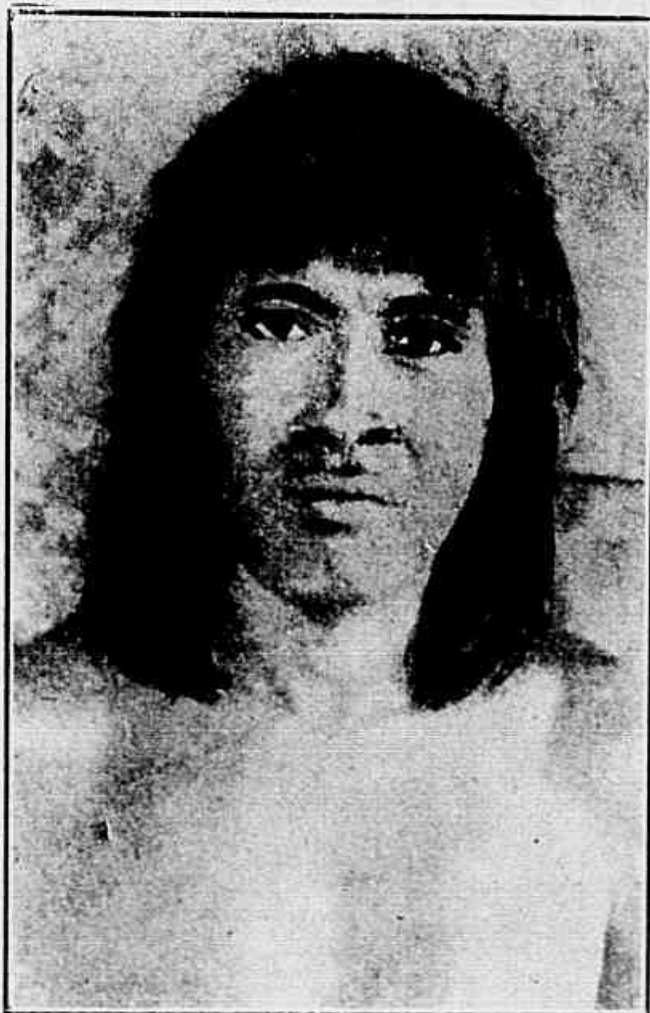
Historieta dedicada aos numerosos amigos dos cães:

Um senhor de Southampton possuia dois grandes cães que tinham sido creados juntos e, como os pombos da fabula, se amavam fraternalmente e nunca se separavam.

Ora, em dia do mez passado, foi um delles atropelado por um automovel. O companheiro sentou-se junto ao corpo já sem vida para impedir que alguem se lhe aproximasse. Um particular, que tentou arredar o cadaver porque difficultava o transito, foi mordido pelo cão vigilante. Só o dono, avisado do que occorrera, conseguiu acalmar o animal desesperado pela dor e levar o corpo da victima que mandou enterrar no seu jardim. Então o sobrevivente, cuja magua, em vez de se desvanecer, parecia augmentar, collocou-se de sentinella á sepultura do amigo e não consentia que ninguem, a não ser o dono, se acercasse daquelle logar sagrado para o seu amor e a sua saudade.

E' preciso calar-se ou dizer coisas que valham mais que o silencio.

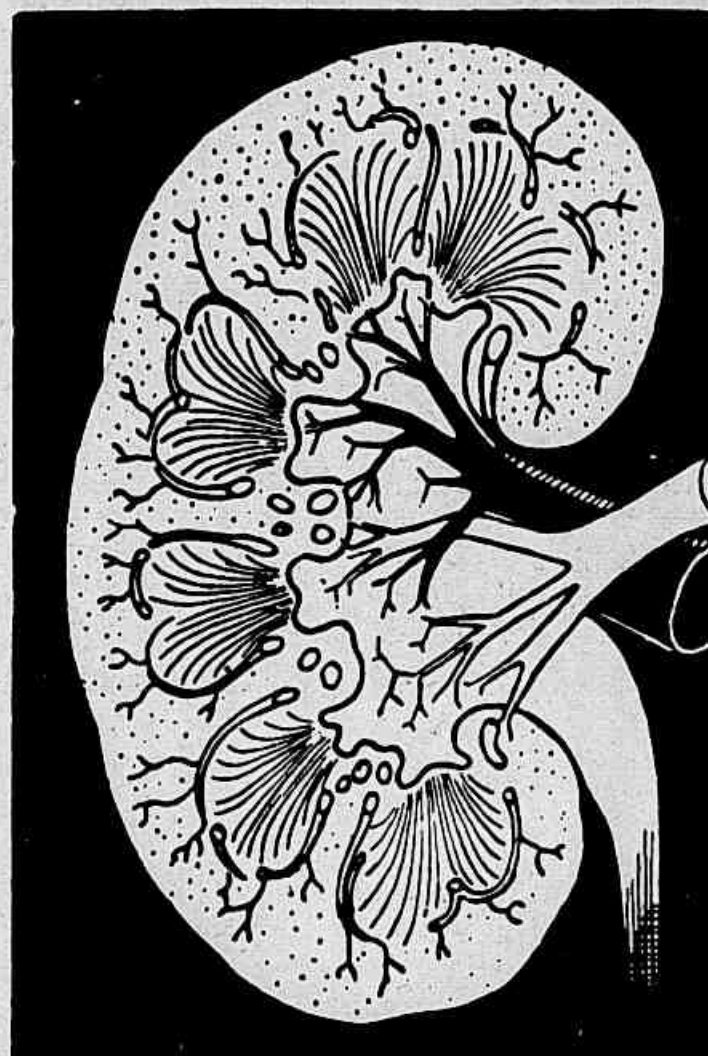
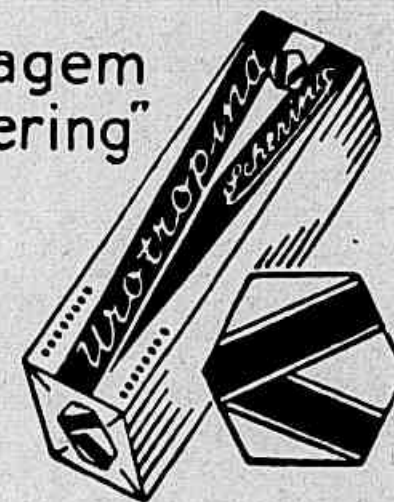
As mulheres, além do serviço de lavoura, fabricam vasos de barro, e fiam o algodão para a fabricação das rêdes e de outros tecidos, como os pannos que enrolam á cintura.

Sendo os Parecis de bôa indole, o general

Guerreiro Nhambiquara-Tagnani; Serra do Norte.

Rondon fez desapparecer a oppressão dos seringueiros, obstando a que os indios continuassem a ser perseguidos, e muito se esforçou para os empregar na conservação das obras do trecho da linha telegraphica que se acha encravada no territorio que lhes pertence. Mais tarde conseguiu que viessem morar nas immediações das estações de Ponte de Pedra e de Utiarity. Desde então, uma extensão de 400 kilometros tem estado entregue a elles, que se desempenham com muito zelo e intelligencia. Fazem a limpeza do picadão, reparam os pontilhões e estivados, manejam as balsas de travessia dos rios caudalosos e operam como guarda-freios.

Não satisfeito em lhes melhorar a vida, o general Rondon fundou para elles duas escolas de primeiras lettras sob a direcção do encarregado da Estação e sua mulher.

Desse curso já vieram para o Rio de Janeiro dois jovens Parecis, que se preparam para o estudo da telegraphia.

Como se vê, o general Rondon não é só o desbravador dos nossos sertões, é tambem o civilizador dos nossos selvicolas, ha tanto espoliados pelas ambições dos aventureiros que, alem de lhes roubar as terras e lhes inutilizar as lavouras, plantam o odio entre elles de sorte a que vejam

Indias Parecis conduzindo seus filhinhos.

em cada civilizado um inimigo irreconciliavel.

DESTINOS (contos) de Sebastião Fernandes — (*Empreza Graphica Editora Pongetti* — *Rio de Janeiro*)

Ha poucos annos surgiu na imprensa carioca o nome do autor de *Destinos*. Que elle tinha confiança no destino proprio, em ordem a lettras, não padece duvida. Cultivou-as com ardor, errando, acertando, sonhando, sangrando, buscando a fórma. D'ahi o apparecimento constante em jornaes, em revistas, na propria REVISTA DA SEMANA, de trabalhos litterarios aos quaes ninguem ousaria negar enthusiasmo e esforço. Muitas vezes aquelles trabalhos eram illustrados pelos desenhos do autor. A capa do recente livro de Sebastião Fernandes é prova d'isso, por elle symbolicamente desenhada.

Uma "Nota Explicativa", á guisa de auto-prefacio, encerra observações muito curiosas de S. F. sobre a sua propria personalidade em face da critica, declarando o autor, como Lima Barreto, "aborrecer-se apenas com a critica do silencio".

Em "Destinos" ha de tudo um pouco: estudos de assumpto historico (Liberdade), estudos de alma humana (Amantes, Julieta, Ciumes), estudos da vida carioca (Flôr do Lodo) a par de lances de vida roceira (Louco, Maldição, Copo d'Agua).

Sebastião Fernandes nas primeiras paginas de "Destinos" annuncia o apparecimento proximo e a elaboração de numerosos trabalhos litterarios. Tudo indica um transbordar de seiva bem proprio, da mocidade do autor, ao qual se não póde negar amor ás lettras, ao ideal, ao labor, ao nacionalismo, a par das incertezas e dos defeitos de sua producção juvenil. Mas é sina do ouro e do brilhante rolar primeiro entre cascalhos.

O COMMUNISMO RUSSO E A CIVILIZAÇÃO CHRISTÃ — D. João Becker, arcebispo de Porto Alegre; decima nona carta pastoral — (*Porto Alegre*)

Com a profunda autoridade que emana de sua estatura mental e da investidura de seu sacerdocio, dá-nos S. R. d. João Becker, arcebispo de Porto Alegre, com a sua decima nona carta pastoral, um notavel libello contra o communismo, estudando-o com a isenção de animo de um verdadeiro sociologo e condemnando-o depois, com a honestidade de philosopho e de pastor de almas. O livro é uma critica candente da doutrina de Marx, que o notavel sacerdote confessa "theoricamente bonita, porém, na pratica, impossivel." A carta pastoral é, toda, vasada em grande elevação de linguagem e a condemnação á pratica communista resulta antes de uma observação social e historica e, pois, scientifica, do que do espirito de divergencia do credo. São impressionantes as conclusões a que chega o illustre prelado no que concerne á influencia calamitosa do "bolchevismo" sobre o Estado, a Familia, a Liberdade, a mulher, a educação, e o espirito de religiosidade.

Em tudo notavel a obra de d. João Becker. S. Rev. presta, assim, um serviço relevante á sociedade, á familia e á Religião.

CONCEITOS E FACTOS — Padre J. Cabral — (*Petropolis*)

O padre J. Cabral aborda, em seu pequeno livro de duzentas e cincoenta paginas, um grande numero de theses de alta relevancia social, analysando factos, expondo conceitos, preconizando soluções, com grande desembaraço e demonstrando notavel conhecimento dos problemas ethnico-sociaes. Não pode caber, todavia, em uma obra pequena como a que escreveu, um estudo aprofundado desses problemas palpitantes, todos de grande amplitude, de que o autor procurou, sómente, dar uma noção geral e expô-la synteticamente.

Abstrahida a questão doutrinaria sob cujo prisma são vistos os factos de que se occupou o padre J. Cabral, os conceitos de que está cheia a sua obra são de grande elevação espiritual e devem interessar todos aquelles que procuram conhecer os males contemporaneos e suas mais racionaes soluções.

HOMENS E IDÉAS — Jonathas Serrano — (*F. Briguiet & Cia., editores* — *Rio*)

O illustre scientista e homem de letras sr. Jonathas Serrano reuniu em um volume — a que deu o nome de "Homens e idéas" — varios artigos, chronicas e outros escriptos de arte e sciencia, offerecendo ao publico, avido de sua finura de estylo e de sua larga cultura, uma obra que se póde, sem favor, considerar valiosa. O nome do sr. Serrano já é, ha muito tempo, o de um vencedor. Na cathedra, as suas lições teem o attractivo de uma essencia inestimavel e de uma fórma apuradissima. O pedagogo se revela, em todas as paginas, na magnificencia de sua intuição prodigiosa. Os livros do sr. Serrano são sempre assim: nelles ha muito que aprender. E a apprehensão é facil e suave, como é suave e facil seu modo de expôr as idéas e de interpretar os factos.

TUMULTO — Hugo de Verlaine — (*Rio*)

Sob o pseudonymo com que vem a lume o "Tumulto" se esconde a personalidade vibratil de um jovem patricio, de nome justamente reputado nas lides forenses e que não é novo na literatura indigena, que tem abrilhantado com as luzes de seu incontestavel talento. Este romance, porém, não revela o escriptor que conheciamos. Foi ingrata a these que escolheu, na ansia de analysar o "tumulto" da vida moderna, já de si complicadissima na estranheza da psychologia e no capricho dos apparencias. Conseguiu, todavia, o autor dar ao romance uma feição leve e agradavel, porque é facil de ser lido e contém observações finas e todas de grande fundo moral. O *Tumulto* é, como diz o proprio sub-titulo, uma série de episodios da vida moderna. E ligados por uma vertiginosa sequencia de imprevistos e de razões esperadas... que nunca esperamos...

EVAS DO MEU TEMPO — Aldo Prado (*Rio, 1930*)

O livro do sr. Aldo Prado é um film romantico em que passam, numa vertiginosa successão, os mais diversos typos femininos vistos, todos, pelo prisma de sua exaltação sentimental. O seu profundo epicurismo não póde esconder-se sob a finura dos conceitos e sob o véu das impressões. Vive ainda a época da existencia em que Julio Dantas disse bem que o homem "não podia amar uma mulher, porque precisava de amar a mulher..."

Bem escripto, cheio de phrases arrojadas e de profundos gritos de lyrismo, o livro é suave e parece definir um temperamento. Nelle o que principalmente existe é a ardencia tropical dos espiritos que vivem a 38º á sombra, trazem no sangue os impetos de tres raças amorosas e ainda encontram, na suggestão naturista das paizagens de sua terra, o melhor e mais eloquente dos evangelhos de amor...

GUIA DO INSTRUCTOR DE RECRUTAS — capitão João Gusmão Castello Branco.

A literatura militar pode ter orgulho do opportuno e bem elaborado livro do capitão João Castello Branco.

Ha muito que, de facto, se tornava de imperiosa necessidade um Guia, como o que vem de ser publicado, para orientar a instrucção dos corpos de tropa.

O trabalho do cap. Castello Branco trata exhaustivamente de toda a instrucção, de maneira clara e fartamente illustrada pelo lapis previlegiado de Alberto Lima, nosso brilhante companheiro de redacção.

Livro util, bem feito, summula intelligente e completa da instrucção militar, faz-se indispensavel á estante de todo soldado e á bibliotheca de todas as unidades.

O autor não se contentou apenas com a materia puramente militar. E, dando maior desenvolvimento aos assumptos, não se descuidou da parte civica e dos conhecimentos uteis relativos ás cousas brasileiras como, por exemplo, á parte referente aos Estados, cuja escudos apparecem primorosamente reproduzidos. O *Guia do Instructor de Recrutas* não é só um amigo do official de tropa. E um livro util a todos os brasileiros.

CREANÇAS

Mario, filho do cap. José Ramos da Silva e d. Augusta Maria Magalhães Silva (S. Paulo).

Avahy, filho do sr. Matheus M. Vidal e d. Maria de Nazareth Franca Vidal.

Laura, filha do dr. Francisco de Almeida Sampaio (S. Paulo).

Neidy, filha do sr. Agostinho Rabello Dias e d. Dolores de Almeida Dias.

Ao lado — Emilia e Luisa, filhas da viuva sra. Paulita Magnifica.

O corso carnavalesco em Rio Preto, estado de São Paulo, esteve brilhante. Nosso cliché representa o carro da senhora Fleury e das senhorinhas Ferreira de Castilho, que pôz uma nota de elegancia e graça nos festejos de Fevereiro passado.

Domador por amor

A proposito do livro do sr. Henry Thétard Os domadores, *conta o sr. Georges Girard na revista* la Lumiére *a historia da primeiro grande domador do seculo XIX.*

O acrobata equestre Martin viajava pela Allemanha, numa companhia de circo. Nas horas de lazer interessava-se pela ménagerie *ambulante de Van Aken que tinha uma irmã chamada Gertrudes. Um dia pediu a mão desta a Van Aken.*

A essa proposta formal de casamento, respondeu o irmão de Gertrudes que Martin era muito moço para tomar conta duma ménagerie *(além da propria Gertrudes) e realmente nada conhecia daquelle trabalho. Em summa, o que se chama uma "taboa".*

Desde o dia seguinte, com a cumplicidade dum servente, passou Martin a visitar ás escondidas a fera principal da collecção, o tigre Alyr. Começou por lhe falar de longe e depois gradualmente se foi aproximando das grades da jaula. A principio, o tigre rugia pavorosamente; como, porém, a cada visita Martin lhe levava um pedaço de carne, foi se acalmando de dia para dia. Ao cabo duma semana já Martin se encostava á grade e falava longamente ao animal que o não perdia um instante de vista.

Permanecia, porém, entre os dois a imagem da chibata. Um dia, tendo-se tornado a conversação especialmente cordial, Martin enfiou a chibata na jaula e deixou-a cahir diante de Alyr. Este ergueu-se, deu-lhe uma patada rancorosa e tornou a sentar-se tranquillamente: a sua dignidade estava satisfeita. Tanto assim que Martin poude empunhar de novo a chibata sem que o tigre manifestasse o menor desagrado. Dois dias depois, já Martin passando a chibata através das grades acariciava com ella o lombo do tigre que se espreguiçava langoroso como um gato afagado. Um dia Martin depoz a chibata e passou a acariciar o animal com a mão.

Só lhe restava agora entrar na jaula. Na primeira experiencia desta nova série, o servente abriu um postigo da jaula e Martin passou a cabeça para o lado de dentro. O tigre avançou, furioso; Martin deixou-se ficar, falou com brandura, repetiu as phrases affectuosos a que Alyr já devia estar acostumado, e a fera foi se acalmando, até socegar de todo.

O mais difficil estava conseguido. Martin passou o busto pelo postigo, depois estendeu o braço, arriscando de dia para dia um pouco mais. Um dia, Alyr veio "acariciar-se" na mão do seu amigo. Martin entrou

Senhorinha Inah Figueira, da sociedade espiritosantense.

Senhorinha Annahyde Albuquerque, da sociedade sobralense (E. do Ceará).

Na sexta-feira da [semana transacta verificou-se,na estradaRio-Petropolis, um desastre que podia ter produzido lamentaveis consequencias. Um auto caminhão, em demanda de Juiz de Fóra, projectou-se em uma grota com todos os seus passageiros (um chauffeur e dois ajudantes), por haver rebentado subitamente um pneumatico e ser vertiginosa a velocidade que desenvolvia. A nossa gravura mostra o estado em que ficou o carro, completamente capotado vendo-se, de pé, sobre o mesmo, o chauffeur. Do lado direito da gravura vêem-se os postes da estrada, onde os autos de carga, que teem a velocidade imposta pela lei no maximo de 30 klms, passam infrenemente, num desprezo sem qualificativo pela vida propria e pela vida dos que usam as nossas rodovias.

Senhorinha Dulce Carvalho, da alta sociedade carioca.

O convidado — Suas filhinhas tocam deliciosamente a quatro mãos.

A dona da casa, radiante — Não é mesmo? Que é que estás tocando, Bertha?

— Uma valsa de Strauss.

— E tu, Helena?

completamente na jaula e passou a fazer trabalhar o tigre, a obrigal-o a obedecer ás suas ordens. Ao cabo de quinze dias, abria-lhe e fechava-lhe as fauces com as mãos. Tinham-se tornado os melhores amigos deste mundo. E pouco depois, em seguida a uma prova executada diante de Van Aken e de sua irmã, Martin desposou Gertrudes.

A sua carreira de belluario foi realmente gloriosa. Depois daquelle tigre, Martin domesticou e adestrou pantheras, leões e até uma hyena. O seu animal predilecto era o leão Cobourg, que andava solto na ménagerie e que, quando achava que o dono, grande amigo da manilha, estava jogando de mais, se aproximava da mesa e com a garra escangalhava o jogo.

Em 1822, em Baden-Baden, Cuvier viu a ménagerie de Martin e animou-o a apresentar-se ao publico de Paris. Em 1828 Balzac aplaudia as proezas do belluario; e a duqueza de Berry protegeu-o de maneira a poder elle usar o titulo de Zoogymnasta diplomado de Sua Alteza Real. *Após a Revolução, representou pantomimas com os seus animaes. O leão Cobourg morreu por ter engulido um pantufo. Quanao Alyr, o tigre a quem Martin devia a felicidade e a fortuna, morreu por sua vez, o domador retirou-se á vida privada. Isto, em 1837. Martin morreu em 1882.*

Os rochedos de Plougastel

Vem numa revista a curiosa lenda dos rochedos que se salientam e parecem estar a despenhar-se sobre o rio Elorn, na Bretanha, onde fica a ponte Plougastel — Daoglas.

Tendo ouvido dizer maravilhas dos sentimentos caridosos dos bretões, quiz Satanaz apurar o que de verdade haveria em taes historias. Disfarçado em

A praia Guarujá e o majestoso Casino (Santos).

sos blocos de rocha, atirou-os, por cima do rio, para o lado de Plougastel, onde ainda se encontram... para attestar a veracidade desta historia.

Dois marechaes benevolentes

O marechal Foch e o marechal Joffre eram egualmente faceis de abordar pelos reporters, a quem em geral concediam o que elles pedissem — ou coisa mais ou menos equivalente. E ambos deram disso a um redactor do Excelsior *demonstrações interessantissimas e, por assim dizer, identicas.*

Na vespera da sua partida para a America do Norte foi o marechal Foch solicitado pelo jornalista em questão a dar-lhe uma declaração, uma impressão, uma palavra que fosse, a proposito dessa viagem. E eis a sua resposta:

— Uma phrase... Uma phrase historica, assim sem mais nem menos e depois de almoço... Quer saber duma coisa? Faça-a o senhor mesmo!

Mas o jornalista não teve coragem de fazer a phrase...

Por occasião da "contribuição voluntaria", o mesmo jornalista encontrou no Ministerio das Finanças o marechal Joffre e lhe pediu um autographo. O marechal disse que sim e afastou-se. Momentos depois, na antecamara, encontra o reporter e pergunta-lhe:

— Tem ahi com que escrever?

Toma a caneta-tinteiro que o outro pressurosamente lhe apresenta, assigna o seu nome e diz com toda a simplicidade:

— Ahi está. Ponha por cima o que quizer.

Pensamento

Jovens mães, façam vaccinar vossos filhos antes da sua primeira sahida. E' d'uma prudencia elementar.

mendigo, foi bater á porta duma casa rustica de Plougastel. Fazia, porém, um bello luar e, graças a essa claridade, enxergou o camponio os chifres do Mafarrico que passavam por baixo do chapéu... Agarrou então no seu pen-baz (grosso cajado bretão) e assentou uma formidavel bordoada na cabeça do Diabo que abalou, cambaleando.

Dalli foi Belzebuth bater a outra porta, tendo antes o cuidado de esconder a armação. Mas já o morador tinha enxergado, por baixo da soleira, as patas de cabra do Tinhoso e, abrindo de repente a porta, pespegou-lhe um pontapé, que lhe não deixou a menor duvida quanto á solidez dos botou-koad, os tamancos de madeira usados na Bretanha.

Resolveu o Demo fazer ainda uma tentativa e dirigir-se á terceira herdade. Apenas, porém, chegou á porta, zás! recebeu em cheio no focinho e no peito um balde enorme de agua benta.

Fugiu o Tição, torcendo-se e berrando como um possesso. Só tinha um recurso. Dar um mergulho no Elorn, para se refrescar e se "lavar" da agua benta. Atravessou assim o rio e, todo a tremer, bateu á porta da primeira casa que encontrou. Morava alli uma pobre viuva que, reconhecendo embora a figura do Porco-sujo, lhe notou um aspecto tão doloroso e miseravel que acabou tendo pena delle. Mandou-o entrar, accendeu fogo para o Maligno se seccar e ainda lhe fez umas papas de leite e aveia, deliciosas.

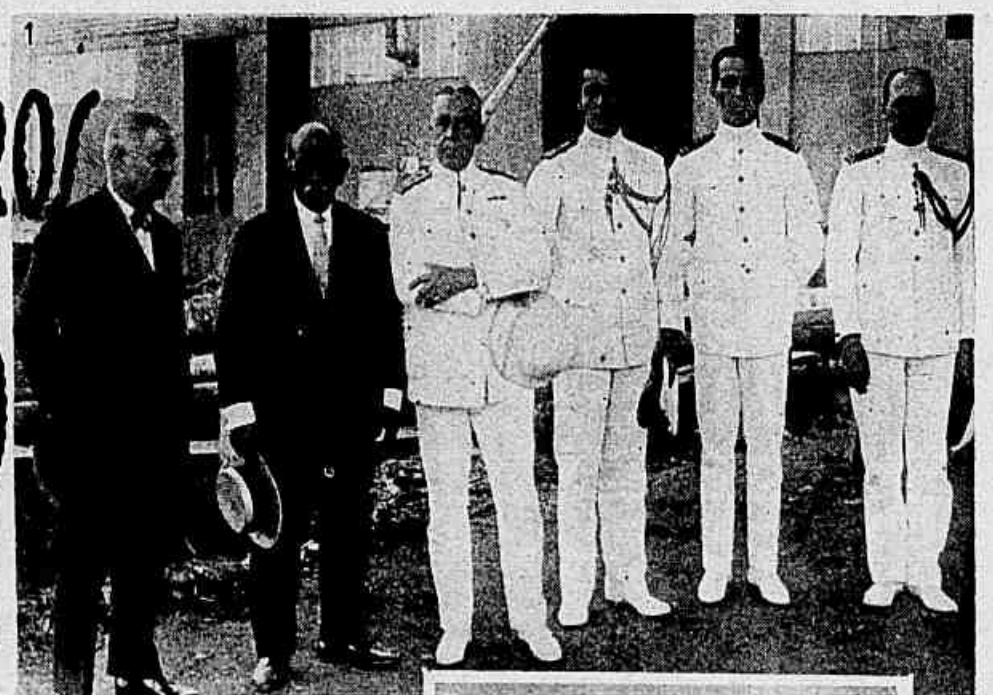
Enxuto e regalado, o Inimigo disse á dona da casa:

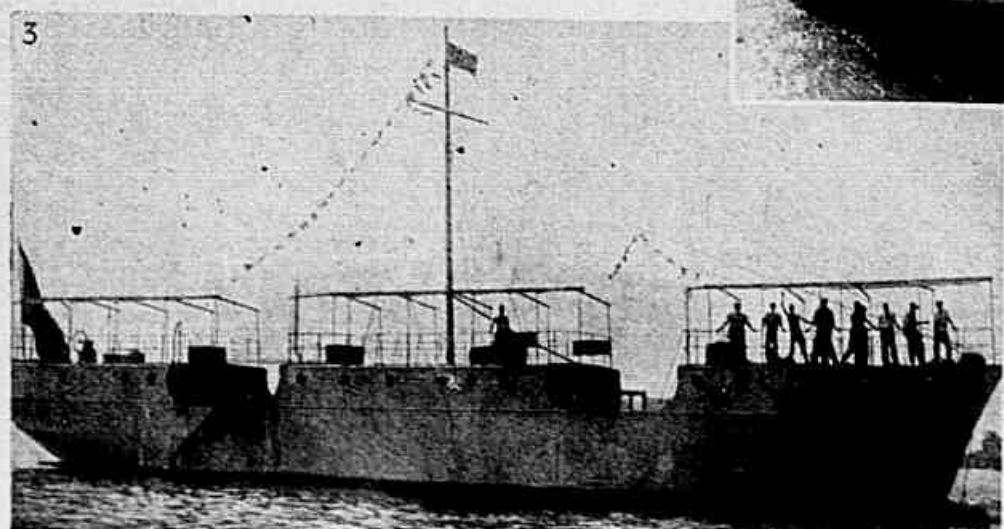
— A tua caridade valeu-me de muito e em agradecimento quero fazer alguma cousa por ti. Pede o que quizeres e immediatamente satisfarei o teu desejo.

— Por mim, respondeu a viuva, de nada preciso. Mas essas pedras que ahi estão no campo incommodam os meus visinhos. Não poderias desembaraçar-nos dellas, duma vez?

— Só isso? replicou Lusbel.

E, agarrando os immen-

ESTALEIROS CANECO
NAVIO QUARTEL

Os estaleiros *Caneco* lançaram, ha dias, ao mar o rebocador *Wandenkolk*, que foi um orgulho para a industria nautica indigena; não contentes com a pujante prova de capacidade industrial já produzida, acabam os estaleiros de construir mais uma obra de real valor: — o *24 de Outubro*, navio quartel de praticos de navegação, do Estado do Pará. A ceremonia de lançamento foi assistida pelas autoridades navaes que puderam, mais uma vez, apreciar a efficiencia dos estaleiros que constituem um precioso factor da industria naval brasileira.

1 — Grupo de pessôas presentes ao lançamento do *24 de Outubro*: da esquerda para a direita: dr. James, industrial Vicente S. Caneco, almirante Jardim, o representante do sr. ministro da Marinha, o commandante Regis Bittencourt e o ajudante de ordens do almirante Jardim.
2 — O *24 de Outubro* visto de prôa.
3 — Perfil do navio-quartel.

Um interessante aspecto dos festejos carnavalescos em Morecambe (Inglaterra). E' habito popular eleger-se, entre as moças, a "rainha do Carnaval"! Ella é quem corta e distribue entre os foliões pedaços de carne de um boi assado nas ruas, durante a festa de Momo.

O chefe do Governo Provisorio na capital mineira

O chefe do Governo Provisorio recebe no palacete Dantas, onde se hospedou, a visita do presidente de Minas, sr. Olegario Maciel, que se vê em conferencia com S. Excia.

O sr. Getulio Vargas sáe da igreja de São José, em Bello Horizonte, após a realização do "Te Deum" que, em homenagem a S. Ex., foi realizado no lindo templo da Avenida Affonso Penna.

O chefe da Nação na escadaria do Tribunal da Relação do Estado, quando da visita que S. Ex. fez á mais alta côrte de Justiça mineira, tendo á sua esquerda o presidente Olegario Maciel, o ministro Francisco Campos e os dezembargadores mineiros, e á direita o sr. Noronha Guarany, secretario da Agricultura de Minas Geraes.

Ao lado—Aspecto do banquete offerecido ao sr. Getulio Vargas em Bello Horizonte, quando s. ex. pronunciava a notavel peça oratoria que foi um hymno á Patria, a Minas e á Revolução. O chefe do Governo tem á sua esquerda o presidente Olegario Maciel e, entre outras pessoas, os srs. Arthur Bernardes e Antonio Carlos; e á direita o arcebispo de Bello Horizonte, o sr. Wencesláu Braz e o ministro Afranio Mello Franco.

A 29 de Dezembro de 1830 o caes da praia carioca de S. Christovão, sempre de vagas vindo vagarosas, apresentava animação, pouco habitual na paragem.

Varias embarcações esperavam viajantes. Romperam; á frente d'elles homem homem, espadaúdo, em todo viril: D. Pedro I, primeiro pelo throno, pela vontade, pela coragem nos proprios desacertos.

Com D. Pedro vinha a imperatriz, D. Amelia, toda em moça, gentil, de agrado por simples presença. Depois dos imperantes a comitiva, n'ella á testa um ministro, o do Imperio, o conselheiro Silva Maia.

Partiam todos para o porto da Estrella, de viagem para Minas, não para recreio. Ia mal o primeiro reinado. Regimens politicos adoecem: convalescem e curam-se, ou peioram e morrem. Não lhes faltam medicos, conferencias e remedios, tambem collapsos. O primeiro reinado, em fins de 1830, seguia tratamento; aconselharam-lhe mudança de ares em Minas.

Oito annos atrás D. Pedro, só regente, visitára a terra então capitania, recebido com fervor, o da gente brasileira já se adivinhando nação, por esse principe passando a galope solto nas estradas. A's imaginações mineiras voltava o sonho da Inconfidencia.

Agora, Dezembro de 1830, Minas mudara. Soffria contagio, o da inquietação do Brasil. D. Pedro I, imperador, partia segundo a "Aurora Fluminense" para proteger na provincia eleição de deputado geral, a de um membro da comitiva, o ministro do Imperio.

Do porto da Estrella, a pata de cavallo, passou D. Pedro I pela sua fazenda de Corrêas e a 15 de Janeiro de 1831 se apresentou em Barbacena, o imperador trajando grande gala.

E foi seguindo, engrossado no caminho por funccionarios civis e militares. Viu-o o Barroso, viu-o S. José d'El-Rey, viu-o S. João d'El-Rey, por toda a parte recebido com os comprimentos officiaes, dos vivas ao beija-mão, dos discursos ao Te Deum, dos foguetes aos repiques de sino.

A imperatriz ia conhecendo sitios com os quaes jamais sonhára nas tranquillidades da sua Baviéra natal, d'ella transportada para a majestade virgiliana das montanhas de Minas ás quaes rendiam vassallagem de natureza os cursos d'agua, já de fluir copioso, já de simples fios em collar nas pradarias.

A 26 de Janeiro de 1831, D. Pedro e D. Amelia, sahidos de um arraial (e que impressão produziria elle na imperatriz vinda de Munich!), chegaram a um estabelecimento ecclesiastico de nome estirado: collegio de Mattosinhos de Congonhas do Campo.

No salão nobre do Collegio, o superior d'elle improvisou especie de outeiro. Aos poetas da occasião o imperador deu mote cuja gravidade de assumpto não condizia com todo o alado attribuido á poesia. "Viva a Patria, o Povo, a Lei" — foi o mote, e logo se apresentou poeta para lhe dar glosa.

De Congonhas do Campo partiu o imperador para Cachoeira, tambem do Campo, onde o receberam o bispo de Marianna e diversas autoridades, cada qual trazendo discurso congratulatorio, no papel ou nos improvisos, algum d'estes talvez de meditado estudo e de repiso na memoria.

Mas no dia seguinte se devia ferir o pleito eleitoral para reeleição á Camara dos Deputados do ministro do Imperio, presente em Cachoeira do Campo. Não é demasia suppôr D. Pedro I vendo mais os oradores dos discursos gratulatorios do que lhes ouvindo as phrases feitas e os chavões.

A 30 de Janeiro de 1831 os eleitores mineiros iam ás urnas. Ao candidato official, cuja permanencia na pasta do Imperio dependia de reeleição, se oppunha candidato de birra, o da opposição mineira ao primeiro reinado.

Tal candidato chamava-se Gabriel Francisco Junqueira, cuja votação foi de valor nos collegios eleitoraes mais importantes e de acinte nos menores.

Ouro Preto, Queluz, Barbacena, S. João d'El Rey, Baependy fizeram timbre em repellir o ministro, com maioria em raros collegios. Em Campanha o candidato do governo obtinha cento e seis votos, o ministro nenhum; o zero elevado a arma politica.

Dois foram derrotados na eleição: o imperador e o ministro, ambos em Ouro Preto, a 22 de Fevereiro de 1831. Dalli D. Pedro I dirigia aos mineiros uma proclamação, não de oleo á tempestade, pelo contrario lhe empolando as vagas.

Referia-se o imperante ao partido dezorganizador, o qual, valendo-se do effeito da desthronização de Carlos X em França, pretendia combater o governo brasileiro, a pessôa do monarca, "afim de representar no Brasil scenas de horror, cobrindo-o de luto, com o fim de empolgarem empregos e saciarem suas vinganças e paixões particulares, a despeito do bem da Patria, a que não attendem aquelles que têm traçado o plano revolucionario".

No dizer imperial os revolucionarios escreviam sem rebuço, concitando os povos á federação. Estava pois de um lado, só, o imperador e do outro um partido, o liberal, apoiado na arma terrivel da imprensa cujo gume duplo, conforme os casos, tanto defende o inimigo de quem se precisa como vae ferir o amigo de quem já se não carece.

D. Pedro I.

A proclamação de Ouro Preto augmentou em Minas as indisposições contra D. Pedro I. D'este o manto imperial ahi fôra buscar lã e sahira tosquiado.

A quem quer mostrar desagrado tudo serve. Minas, para accentual-o, tomou as dôres de S. Paulo. Ahi acabava de ser assassinado Libero Badaró. Em todo o curso da historia as gottas de sangue dos assassinios politicos, ou tidos por taes, seccam tristemente indeleveis na primeira pagina dos annaes das revoluções.

Pelos caminhos de Minas passavam o imperador e sua comitiva, na companhia d'elle a imperatriz mimosa, na idade em que só a flôr serve de symbolo a mulheres.

A imperatriz D. Amelia.

Tudo em torno de D. Amelia deveria ser riso, festa, alegria, a da presença de hospede formosa sobre illustre. Mas de subito por onde transitava o sequito imperial sons lugubres feriam os ares, das sineiras de igrejas perdidas na matta, no dorso das collinas, no espelho de rios andantes.

Eram dobres, dobres a finados, mais tristes por serem pela alma de um assassinado, pela alma de Badaró, o morto de S. Paulo.

Os sons do bronze, chamando a exequias, enchiam a propria paizagem de tristezas, sons trazidos, uns, pelo vento, outros prolongados pelo echo. Mas todos, depressa ou devagar, fallavam de morte, palavra que, com qualquer numero de syllabas, em qualquer lingua abate o ser humano até á medida infallivel das suas ambições: sete palmos de terra. E esses para carnes devoradas por vermes e ossos nem sempre respeitados antes do lento pó final.

A derrota do ministro itinerante, as exequias de Badaró na passagem da comitiva imperial punham máu agouro na viagem de D. Pedro I, embóra se fossem succedendo arcos de triumpho, acompanhamentos de cavalleiros e pedestres, marcadas as horas pelos foguetes, pelos repiques festivos, pelas tocatas dos regimentos, pelas illuminações nocturnas das cidades e villas. Os fogos são encobertos pelo alegre das ramarias fofas.

Na viagem, de occupações e preoccupações, D. Pedro I teve ensejo de dar largas ao seu temperamento de impulsivo, de estoura-vergas como se diz em Portugal.

Da visita imperial e das suas semceremonias nos deu noticia o visconde de Araxá, mineiro de S. João d'El Rey, ministro no segundo reinado, escriptor bem nosso, esquecido, mas a ressuscitar.

No testemunho de Araxá, na viagem a Minas de 1830 e 1831, D. Pedro I ás vezes deixava a comitiva leguas atrás, aprazendo-lhe viajar só, de chapéu desabado, ponche, botas brancas á mineira.

Conversava com quantos topava no caminho, sobretudo com os tropeiros nos ranchos, ouvindo incognito, ás vezes, cousas de bem pouco agrado, a seu respeito.

Perdida uma ferradura do cavallo, n'um rancho, o imperador sem sequito se dirigiu a tropeiro occupado nos trabalhos exigidos do capataz no pouso de uma tropa.

O imperador saudou o tropeiro, explicou-lhe a perda da ferradura, pediu-lhe o favor de pregar uma na montaria. O roceiro perguntou-lhe pela ferradura cahida, declarando D. Pedro que ficara na estrada.

— Isso é máu, patricio; não é José Borges que deixa cahir ferradura sem apanhal-a, ella tem seu preço.

— Fico advertido para outra vez.

O tropeiro foi ao rancho, escolheu algumas ferraduras e disse: — Vamos. Vamos! Pois não quer o cavallo ferrado? Se quer é pegar no pé do bicho.

D. Pedro sorriu, obedeceu e durante a operação de ferrar indagou do tropeiro o que sabia do imperador.

— Homem, uns dizem isto, outros aquillo, eu nem isso, nem aquillo; mas me parece que se o imperador concertasse essas estradas e alliviasse o tributo das pontes.

— Mas o tributo é para concertal-as.

— Qual concertar, nem meio concertar. O tributo vae para a barriga dos afilhados e o pobre povo que se aguente. E como é que o imperador não manda pegar n'essa sucia de vadios e arrumar-lhe a farda nas costas? Vara de marmello n'elles.

E a conversa foi toda n'esse tom até o animal ferrado. Roceiro e imperador despediram-se, sem que o primeiro suspeitasse quem era aquelle homem a quem falára com tanta franqueza e lá se fôra pela estrada, só, chapéu desabado, botas brancas á mineira.

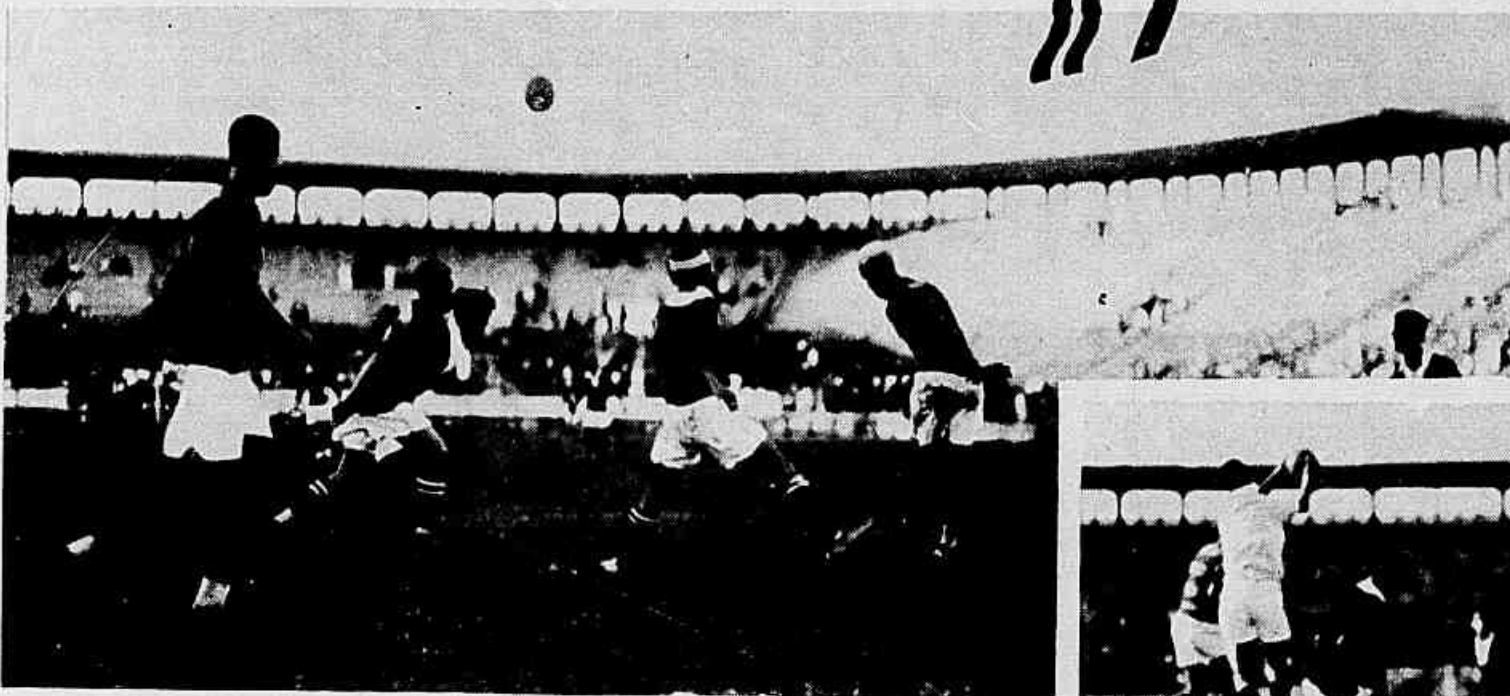
Esse mesmo homem, na manhã de 11 de Março de 1831, desembarcava no cáes de S. Christovam, vindo do porto da Estrella; trazendo de Minas a convicção da perda da antiga popularidade de 1822.

Nas noites de 11, 12 e 13 de Março de 1831, o Rio de Janeiro accendeu luminarias, de maior fogo nas ruas do Rosario, Quitanda, Direita (1.º de Março) e Pescadores (Visconde de Inhaúma), ahi crepitantes fogueiras, de estalidos abafados pelos sons das bandas de musica soprando a bom soprar.

As duas primeiras noites de luminarias e festança exaltavam animos de portuguezes e brasileiros; a terceira noite, a das Garrafadas, poz sangue a correr. De noite em noite provocações, insultos, não faltaram até chegarem lusitanos a vias de factos.

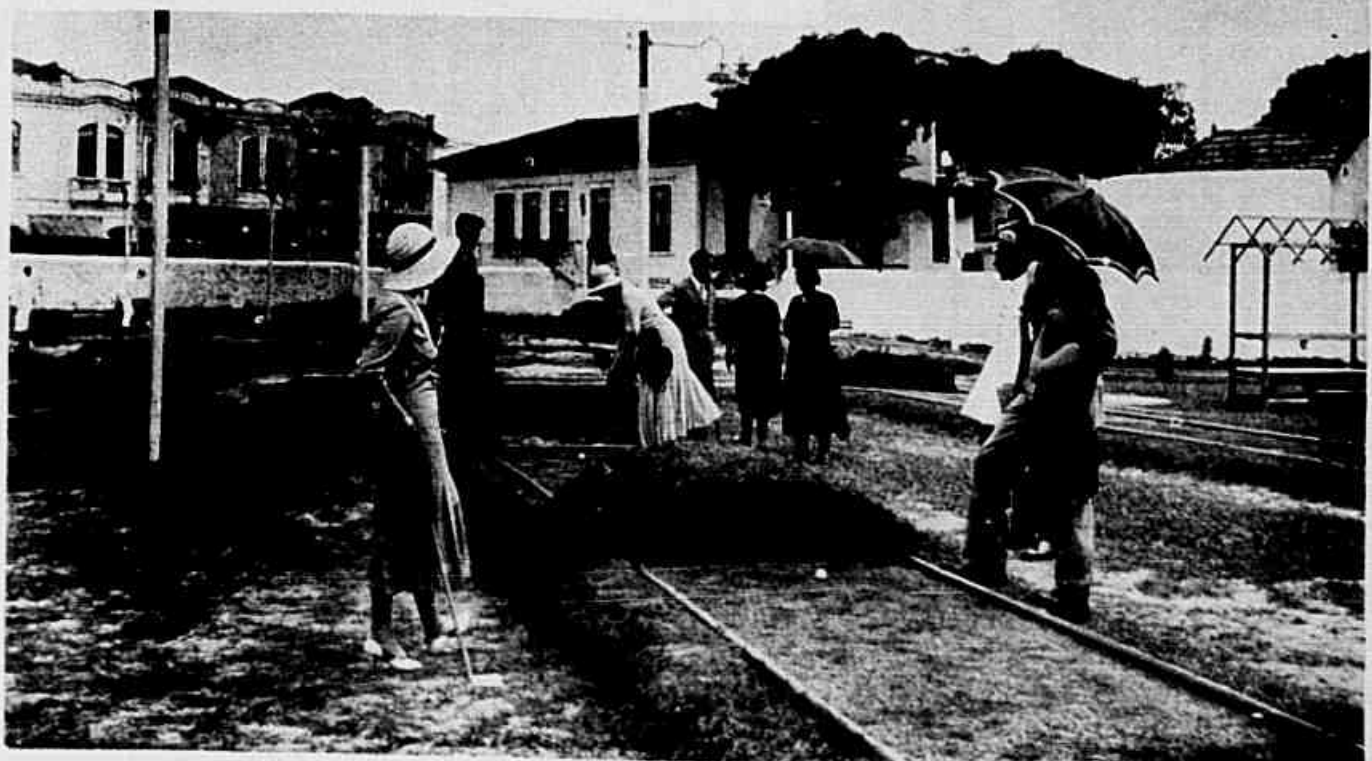
Nem parecia mais a cidade que recebera o imperador e a imperatriz, na rua do Ouvidor, com as casas empavezadas, as janellas cheia de senhoras, todas as bandeiras européas voando aos ares.

Crescida a agitação, mudou-se o ministerio, precipitaram-se successos, demittiu-se o ministerio, formou-se gabinete, o dos Marquezes, a 5 de Abril de 1831. Dois dias depois, da madrugada ao frio bafo, D. Pedro I abdicava, no paço da Bôa Vista, confiando ao Brasil immenso genito unico de cinco annos. Este, oito annos depois de maior, concedeu o titulo de barão de Alfenas a Gabriel Junqueira que, em 1831, derrotando o ministro do Imperio amofinara D. Pedro I. Chefe vitalicio da nação e de dois dos seus poderes constitucionaes, D. Pedro II podia recusar a graça. Preferiu vingar o pae paternalmente, esquecendo, perdoando, premiando sem desforra para o agraciado.

Escragnolle Doria

Vasco × Ypiranga

A temporada esportiva de 1931 começou brilhantemente. Um dos encontros de foot-ball foi o que se verificou, no estádio da rua Abilio, entre as esquadras do C. R. Vasco da Gama, da nossa cidade, e do Ypiranga, de Nictheroy. Venceu o Vasco pelo elevado score de 5x0. Damos, em cima e ao lado, trez aspectos da peleja. Em baixo o *team* do Vasco á esquerda e o do Ypiranga á direita.

O "GOLF" EM MINIATURA, NO RIO

O *golf*, por exemplo, que goza de invejavel desenvolvimento na America do Norte e na Europa, sempre impoz aos seus praticantes uma extensão grande de campo, que tinha de levar ao club, fatalmente, os seus sympathicos. Com o *lawn tennis* resolveu-se o problema em parte. Quem não pode ir ao *court* joga a sua miniatura: o *ping-pong*, que embora não represente um verdadeiro *lawn tennis* em ponto pequeno, offerece, afinal, sensações iguaes. Ultimamente inventou-se a miniatura do *golf*, que no Rio já se chama pittorescamente o *golfinho*. Na rua Salvador Correia, no Leme, á sahida do Tunnel Novo, já existe o pequeno campo em que se pratica o *golfinho*. Foi inaugurado nos ultimos dias, devendo-se a iniciativa a Velvet Golf, de J. L. Baugn. A inauguração se desenvolveu com a presença da elite carioca francamente enthusiasta da innovação esportiva. Damos quatro aspectos do novo campo pela manhã.

PRESIDENTE JOÃO PESSÔA

Por occasião da passagem do setimo mez da morte do presidente João Pessôa, o Centro da Defeza dos Ideaes Revolucionarios promoveu uma romaria civica ao tumulo do inesquecivel estadista parahybano, de que damos um aspecto no cliché ao lado. Os clichés do alto da pagina focalizam os instantes em que oravam o dr. Helenio Moura e um conterraneo do presidente da Parahyba, vendo-se, no primeiro, proximo ao orador, a viuva do illustre procer da Revolução brasileira.

A morte da janella

UMA extraordinaria innovação architectonica nos chega em linha recta dos Estados Unidos. Considerando que as janellas das modernas habitações constituem verdadeiros incentivos á perda de tempo, cousa absolutamente inadmissivel no homem sobrecarregado de occupações que é o homem de hoje, os architectos americanos resolveram lançar o arranha-céu sem janella, a casa céga.

A electricidade será o unico sol permittido nesses immensos cubos fechados, a que um aperfeiçoado systema de ventilação assegurará a somma de ar necessario e os raios ultra-violeta o calor indispensavel.

Só a porta de entrada subsistirá, e isto porque ainda não se achou meio de passar sem esta abertura. Com o tempo, entretanto, e o surto innovador do progresso, esta propria porta ha de ser provavelmente supprimida. As casas cégas, soldadas como caixas de conservas, apresentam, pelo que consta, vantagens inapreciaveis.

Ignoram as correntes de ar, sempre tão perfidas em época de grippe, e acabam inteiramente com as distracções provindas dos espectaculos varios offerecidos gratuitamente pelas janellas: sarabandas de nuvens na téla immutavel do céu, reflexos de folhagens, bailados de atomos na corda de ouro dos raios solares, passagens de bondes, correrias de automoveis, desfile de transeuntes etc. etc. O locatario, privado de communicação com o exterior, entregar-se-á mais integralmente ao trabalho, augmentando dest'arte o seu rendimento.

Os moradores do sub-sólo nada terão que invejar aos de cima e, murado desde o berço, o homem murado durante toda sua existencia habituar-se-á certamente muito melhor a vêr-se para sempre murado depois da morte.

A classe das janelleiras desapparecerá da face da terra, e com ellas todo o romanesco da habitação humana.

A porta é secca, precisa, prosaica, sensata por assim dizer.

Só entram por ella as cousas concretas limitadas, possiveis. A janella é o caminho predilecto do sonho.

Acabar com a janella é cegar realmente a morada dos homens, arrancar-lhe os olhos por onde, muita vez, a gente imagina vislumbrar um pouco de sua alma.

Depois, a janella apresenta uma aureola tal de seducção na historia, na litteratura e na poesia que a só lembrança de eliminal-a importa numa especie de revoltante sacrilegio.

E as serenatas sob as janellas da bemamada; a escada de corda de Romeu agarrada afoitamente ao balcão de Julieta; o punhado de areia atirado aos vidros cerrados atrás dos quaes dorme uma Stella mais preguiçosa do que o namorado ideara; a persiana illuminada em cujo painel se debuxa uma silhueta indecisa de mulher; a veneziana que se entreabre furtivamente deixando cahir o bilhete da entrevista fatal; e a janella gradeada de fortaleza por onde escorrega em noite de procella, ensanguentando as mãos, o vulto vingativo de Monte-Christo, em que penumbra de olvidada pre-historia vos vae mergulhar o adiantamento da civilização!... Todas essas janellas de paixão, de crime, de devaneio ou de evasão, essas romanticas janellas que rasgam em nossa memoria tão formosas perspectivas de historia ou de ficção, onde ficarão ellas na rija impenetrabilidade das casas cégas?...

Como fazer comprehender a uma dessas futuras emparedadas o que havia de perturbador e de divinamente fóra da realidade no scenario que a janella de Roxane emprestou ao beijo de Christian, a quem Cyrano, da sombra perfumada do jasmineiro, soprava as palavras de sonho...

"J'aperçois la blancheur d'une robe d'été;
Moi je ne suis qu'une ombre, et vous qu'une clarté!..."

As janellas não são, porém, unicamente estes lindos motivos de estrophes immortaes, são tambem os pulmões da casa.

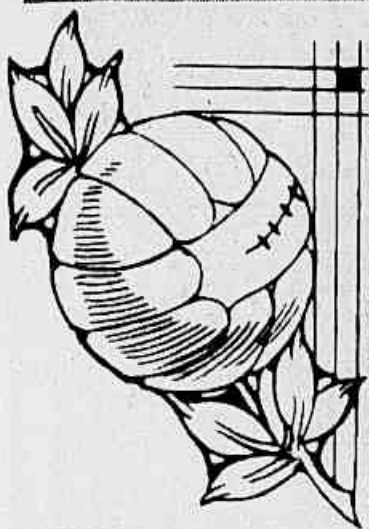
As portas vivem geralmente fechadas: as janellas devem viver abertas á visita tonificante do ar livre e do sol. Molduras onde se enquadra o recanto da paizagem familiar, fixam tambem o pedaço de céu necessario ao idealismo latente de nossa alma.

Mas Jean Renouard, ao qual as casas cégas inspiraram esta série de deliciosas reflexões, accrescenta com muito acerto: é verdade que uma jovem dansarina se aprompta para bater o record de oitocentos metros, andados sobre as mãos e de pés para o ar, e que isto ha de, infallivelmente, apaixonar muito mais as mulheres do que aquillo.

E' o espirito dos tempos.

Entre Dempsey e Dante, quem hesitaria hoje em dia?...

Maria Eugenia Celso

O FOOT BALL INTERESTADUAL

A segunda das partidas entre os suburbanos do Rio e de São Paulo, que se realizou domingo no estádio do America F. C., á rua Campos Salles, terminou com um empate de 4 *goals*. 1 — O quadro dos suburbanos cariocas. 2 — A equipe dos "varzeanos" paulistas. 3 — Um lindo *heading* de um *player* da Paulicéa. 4 e 5 — Outros dois aspectos da peleja.

Matinée infantil no CLUB GERMANIA

AMULETOS

por

JOÃO LUSO

NÃO affirmo a existencia do caso nem delle conheço nenhum exemplo, mas tenho ouvido dizer que ha homens, homens superiores, emancipados do espirito e dominadores do proprio sentimento, que não acreditam em amuletos. São inquestionavelmente individuos privilegiados, sobrenaturaes e que ainda, para chegar áquelle resultado, empregaram um immenso esforço. Valeu-lhes, porém, a pena disciplinar assim as suas idéas e as suas emoções. Em qualquer logar onde se falle dos poderes occultos e transcendentes de certos seres ou certos objectos, podem elles sorrir, entre desdenhosos e compassivos, com um ar de quem está muito acima daquella miseria intellectual e não lhe pode absolutamente dar remedio. Assim elles se garantem uma especie de sublimidade em relação á outra gente. Quando proferem a palavra "superstição" sentem-se guindados a immensa altura sobre o resto da humanidade. E á força de accentuar e fazer triumphar aquella prerogativa, chegam a affirmações desta robustez e resplandecencia: "Dizer-se que o numero treze bota azar... Que estulta superstição! A mim até me dá sorte!"

E' o eterno caso de Calino, declarando-se orgulhosamente atheu... graças a Deus. As mulheres é que, sem excepção, evitam essas e outras contingencias anecdoticas... Não fazem questão alguma de vencer os preconceitos e abusões de que o outro sexo se envergonha. Resignam-se a não possuir aquelle espirito forte — mais forte e esclarecido que o de Platão, que nunca abandonava os seus amuletos. E recorrem a todas as fórmas de talisman, adoptando-as successivamente ou reunindo-as e solicitando-lhes um systema de colaboração; usando-os por uma questão de moda, apenas durante uma estação, unicamente num baile, ou a elles se entregando e se prendendo para a existencia inteira e, se a alma não morre, por toda a eternidade...

A tendencia feminina para os amuletos é, por muitos motivos, virtuosa e deveras amavel. Começa por acusar essa qualidade que em geral negamos ás mulheres, mas, se bem reflectirmos, a todas reconheceremos em alto grau: a modestia. Evidentemente, se ellas tivessem do proprio physico e do proprio intellecto a vaidosa noção que se lhes atribue, não sentiriam a necessidade de apellar para aquelles auxilios estranhos e transcendentes... Os encantos que nós adoramos e celebramos não têm, aos seus olhos, prestigio propriamente dito, e apenas constituem um elemento mais ou menos valioso mas sempre fallivel, que precisa de ser guiado, amparado, ajudado. E' essa protecção indispensavel que ellas imploram a uma, a diversas ou a todas as qualidades e feitios de amuleto: pedra preciosa, lasca de reliquia, primorosa joia antiga, rude carantonha de madeira, unha de felino, chifre de carocha, corda de enforcado, trevo de quatro folhas, ferradura de sete buracos — e toda a sorte de bichos, do elefante ao saguí, exiguos ou colossaes, terrificos ou innocentes, vivos ou mortos, comtanto que irrisorios, grutescos, caricaturaes! Em verdade ellas confiam muito mais num hipopotamo de meio palmo, trombudo e hilariante além do natural, do que nas suas proprias graças, pelas quaes o heroismo conquista cidades e mundos, o genio rima epopéas, a bondade se despoja e se sacrifica, vae até á nudez e ao martyrio — e que Deus parece estar sempre a abençoar!

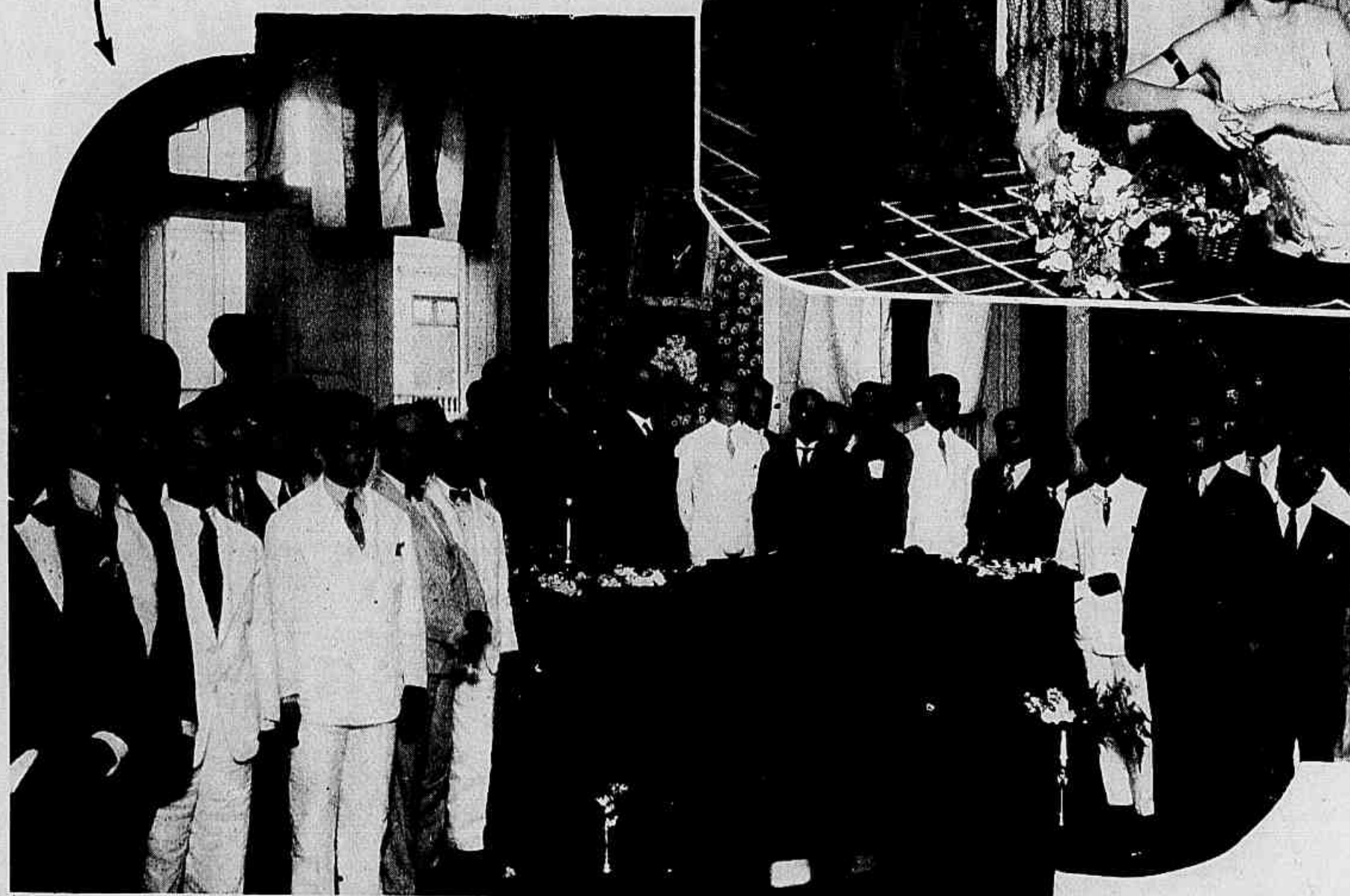
As mulheres prezam e veneram o amuleto, com uma fé antiga, primitiva, de todos os tempos. Até quando o usem na pulseira, entre bugigangas e penduricalhos profanos, lhe votam um respeito sagrado. E as que por uma questão de elegancia, em vez de se manterem fieis á nossa figa ancestral, acompanham as variantes da superstição parisiense, essas mesmas observam o culto essencial e incontivel, que vem das primeiras éras da humanidade e contra o qual nunca prevalecerá a intelligencia, nem a cultura, nem a mais alta sciencia, nem a propria religião. O casal Nenette-Rintintin, o pinguim Alfred não appareceram neste inverno, ou ha tres ou ha vinte annos. Vêm do berço da especie humana. Já no Antigo Testamento eram incombativeis. E quando Moysés, guerreiro, estadista, poeta, legislador, figura suprema de valor, sapiencia e autoridade; Moysés, a quem Deus se mostrou; Moysés que fez jorrar da bruta penedia a agua providencial e fez descer dos desertos ares o manná salvador; quando Moysés quiz prohibir os Judeus de usarem e invocarem os amuletos, viu que todo o seu poder extra-humano e com alguma coisa de divino desgraçadamente falhava e se reduzia a coisa nenhuma. As mulheres não pensam em medir, através dos seculos e dos milenios, o seu poder com o de Moysés — e fazem bem. E' mais uma prova do seu incomprehendido mas nem por isso menos adoravel espirito de humildade.

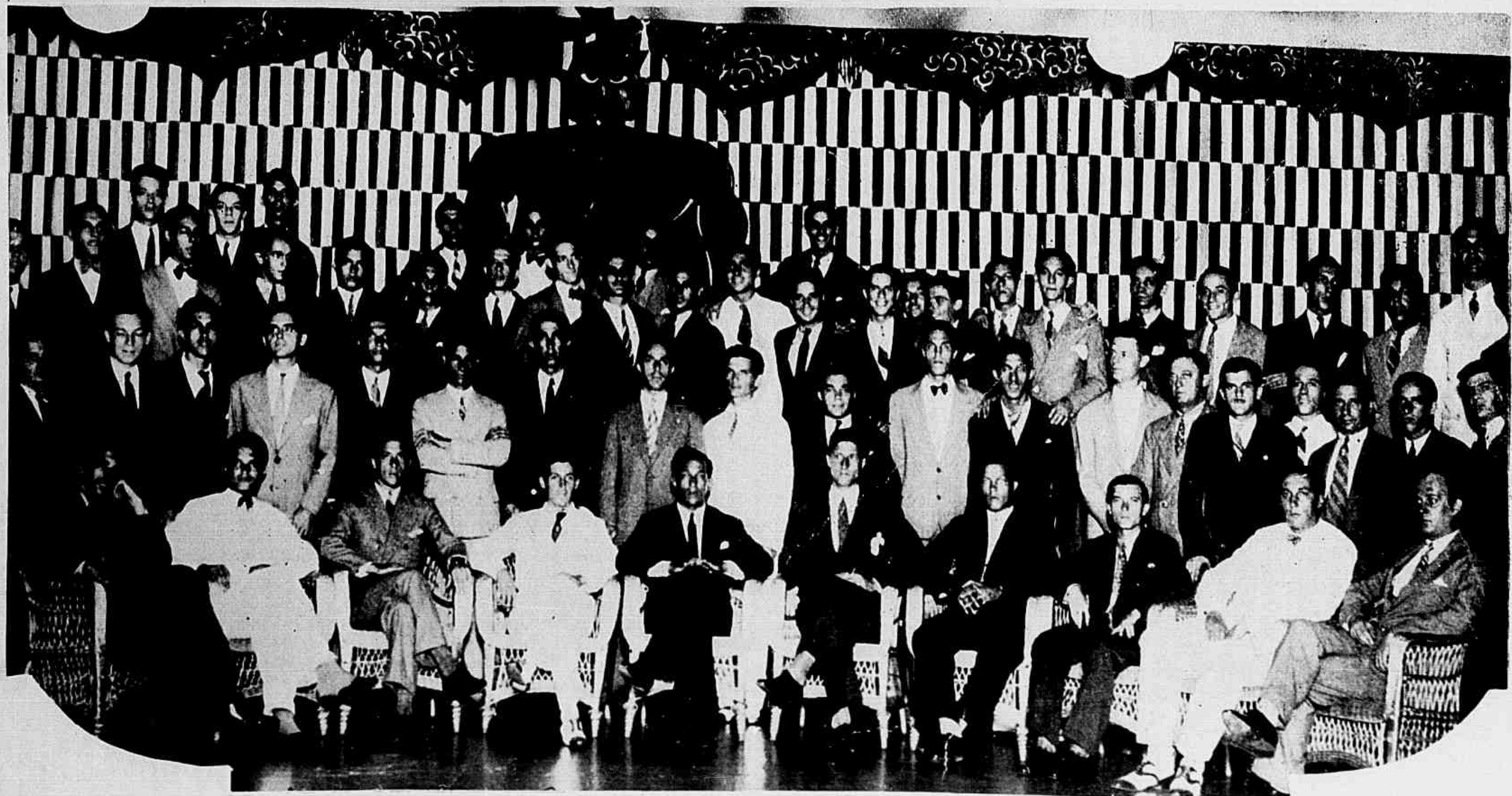
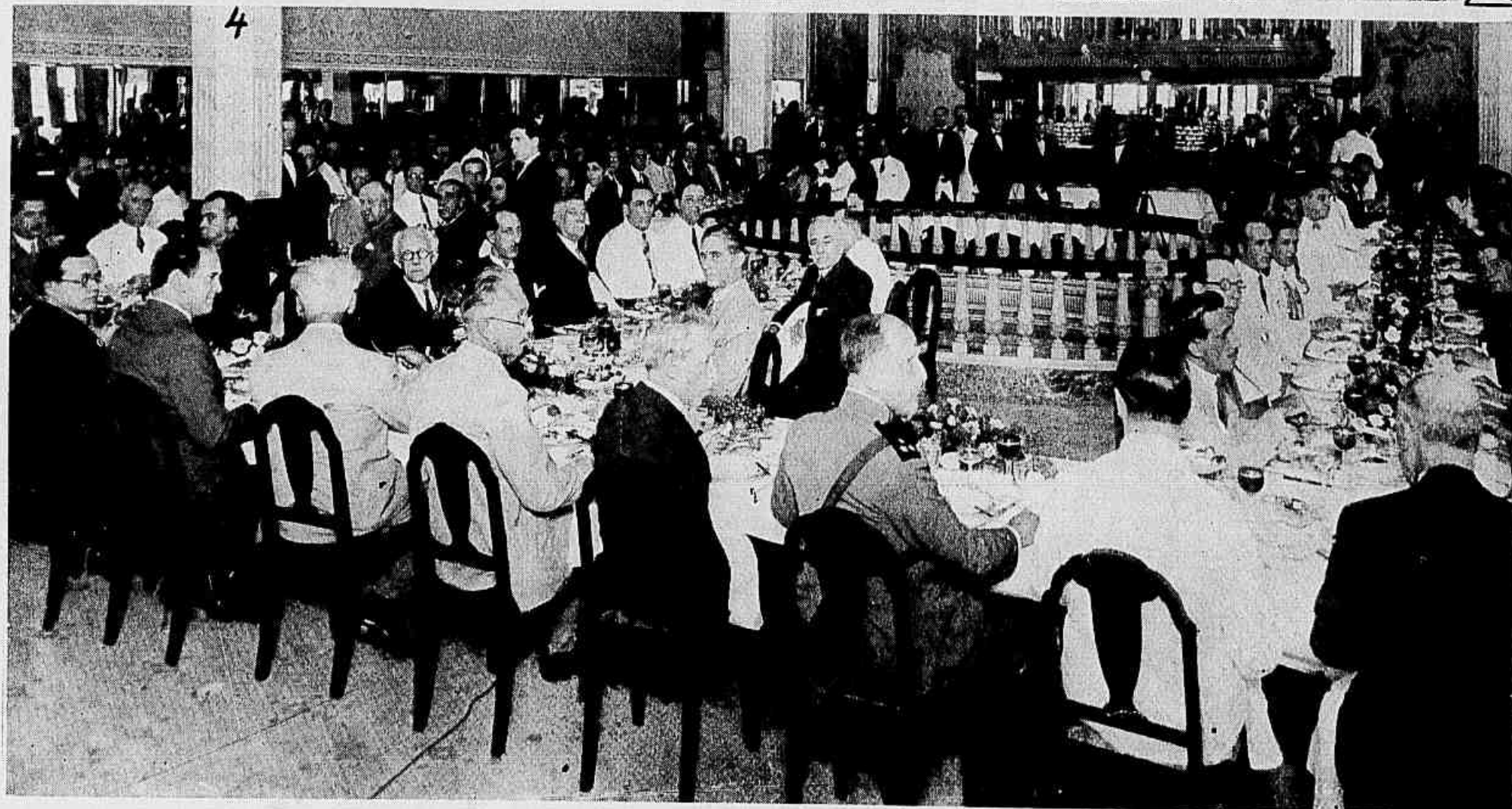
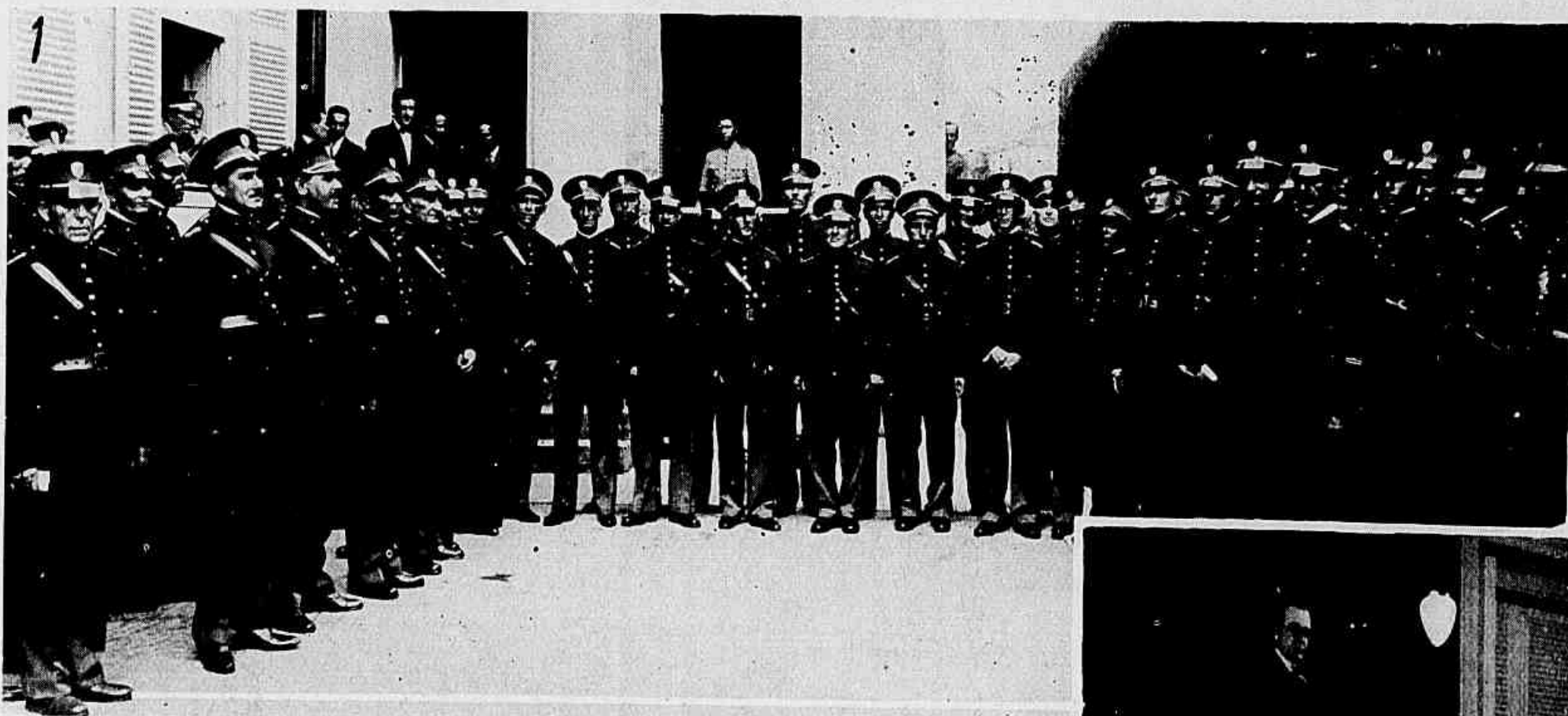
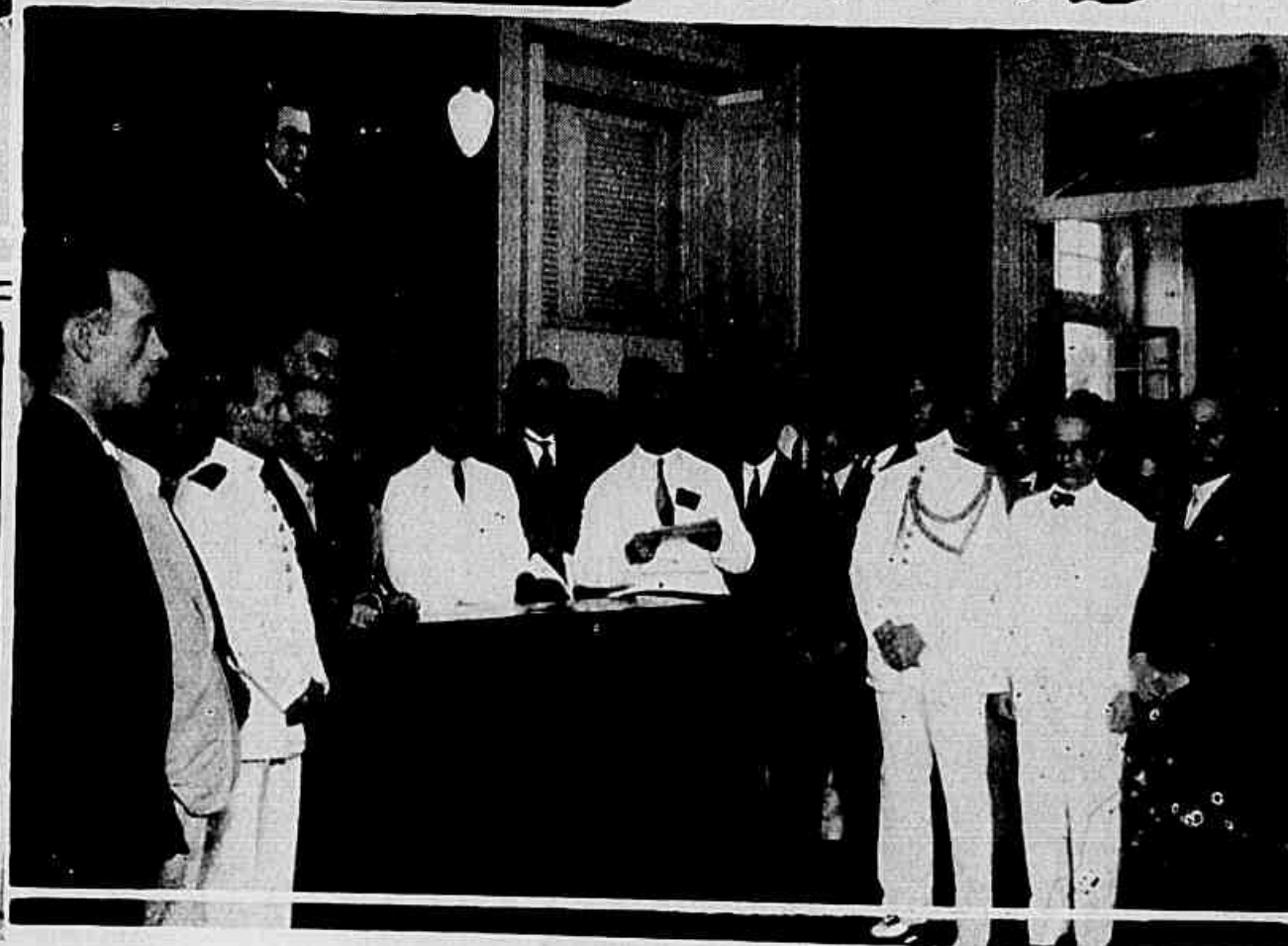
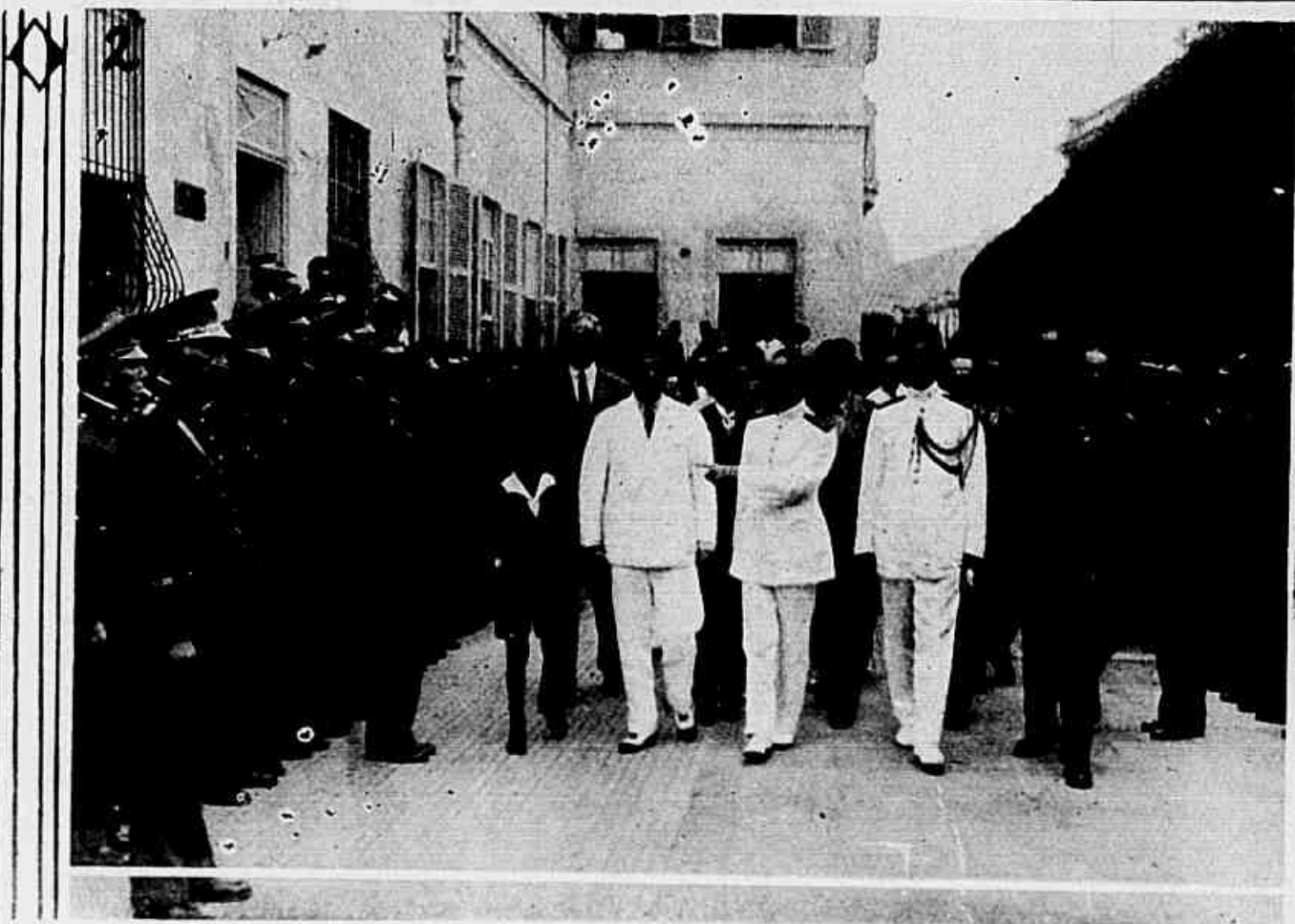
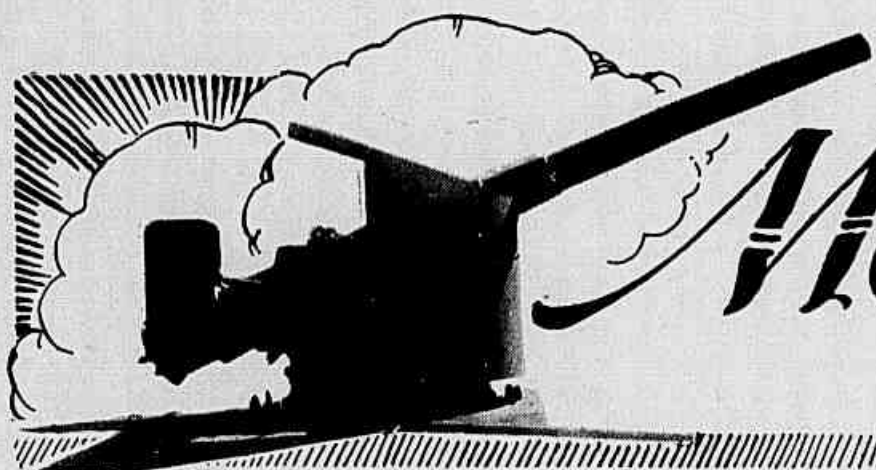
Ellas se consideram, de facto, tão pouco merecedoras, tão indignas dos bens da terra, que tudo pedem aos amuletos: toilettes, belleza, alegria, automoveis, amor, felicidade. E tão cegamente acreditam na generosidade dos animalejos e homunculos de sua eleição, que nunca ou quasi nunca se lembram de agradecer ao infatigavel realizador das suas ambições e das suas fantasias, que tudo lhes dá sem sequer esperar, as mais das vezes, que ellas peçam, e ainda por cima se confessa favorecido e encantado: este boneco, este manipanço, este mostrengo — que é o homem.

Photos da "Warner-First", da "Metro" e da "United".

FIGURAS E FACTOS

O baile offerecido pelo DIARIO CARIOCA á senhorinha Nenê Baroukel, a maior declamadora brasileira, vencedora no concurso na pouco realizado sob o patrocinio do brilhante matutino, foi a nota encantadora da noite de sabbado ultimo nos salões do Automovel Club. Damos um aspecto da brilhante noite de consagração.

O setimo anniversario da fundação da A. M. E. A., transcurso no domingo, com que se iniciou o mez, foi solemnizado com a inauguração do retrato do dr. Arnaldo Guinle, primeiro presidente da grande sociedade esportiva, na sala de suas sessões. O homenageado se vê, em nosso cliché, entre os presidentes da A. M. E. A. e da C. B. D.

O Circulo da Juventude commemorou com um festival musico-literário a passagem de seu primeiro anniversario de fundação. Os salões da Associação Christã de Moços se encheram de uma selecta assistencia:. O nosso cliché mostra o grupo de artistas que abrilhantaram o festival.

As delegações de remo dos Estados, que vieram ao Rio participar do ultimo campeonate brasileiro que se desenrolou na lagôa Rodrigo de Freitas, foram fidalgamente recebidas, na semana passada, no Club Internacional de Regatas. Os *rowers* cariocas concederam aos seus companheiros as homenagens de solidariedade esportiva com o applauso ao progresso do remo nas demais unidades da Federação.

AO VICE-PRESIDENTE DO PARTIDO LIBERTADOR

A mentalidade revolucionaria riograndense, onde se juntam, numa esplendida fraternidade politica, homens de experiencia amadurecida na lucta de hontem e homens de ardor revigorado nas pelejas de hoje, republicanos e libertadores, todos unidos para a construcção da Patria Nova á frente de cujos destinos se collocou, corajosamente, o grande Estado dos pampas, homenageou segunda feira passada, com um almoço realizado na Confeitaria Paschoal, a figura do vice-presidente do Partido Libertador riograndense, dr. Raul Pilla, um dos expoentes da politica liberal do Rio Grande do Sul. S. ex. foi saudado pelo dr. Oswaldo Aranha, ministro da Justiça do Governo Provisorio (1) e respondeu numa brilhante peça oratoria (2). Em seguida levantou o brinde ao chefe do Governo Provisorio o dr. Assis Brasil, ministro da Agricultura.,(3). Sentaram-se á mesa todos os vultos de destaque da administração e da politica brasileiras; e de sua cabeceira é o aspecto (4) que damos, vendo-se o homenageado tendo á sua direita o ministro do Exterior, dr. Afranio de Mello Franco, o ministro da Guerra, genera Leite de Castro, o ministro do Trabalho, dr. Lindolfo Collor, e o interventor fluminense, dr. Plinio Casado; e á esquerda o dr. Assis Brasil, o dr. Oswaldo Aranha e o ministro da Viação, dr. José Americo.

O 27º ANNIVERSARIO DA GUARDA CIVIL

A Guarda Civil, pela passagem do 27.º anniversario de sua fundação, realizou, por sua Inspectoria, um ceremonial de destacada significação, a que compareceram os representantes do chefe do Governo Provisorio e do ministro da Justiça, o chefe de Policia, os delegados auxiliares e outras pessôas gradas. Foram solennemente inaugurados em sua séde os retratos dos drs. Getulio Vargas, Oswaldo Aranha e Baptista Lusardo. 1 — Guardas Civis com seu novo uniforme. 2 — Um aspecto da chegada, á séde central, do dr. Chefe de Policia, acompanhado pelos Delegados Auxiliares, tendo a seu lado o tenente Riograndino Kruel, inspector da Guarda Civil. 3 — Um aspecto da ceremonia inaugural, quando presidia á mesa o dr. Baptista Lusardo.

Manhã Historica na FORTALEZA DE SANTA CRUZ

POR Affonso de Carvalho

A NOITE de 23 é toda ella de nervosa expectativa e de grandes incertezas.

Nos momentos de angustia e de perigo a treva é sempre uma oppressão...

E é, de facto, sob a oppressão da treva — uma noite silenciosa e sem estrellas — e sob a oppressão das fundas responsabilidades de uma praça de guerra revoltada que se vão passando lentamente as horas assignaladas pelo alarme das sentinellas.

A velha Fortaleza passa immediatamente ao estado de guerra.

Todos os officiaes, de accordo com as Ordens de Operações do Commando das Forças Pacificadoras, têm suas funcções perfeitamente destacadas.

Ultima-se o municiamento dos paióes de combate. Metralhadoras, fuzis-metralhadores e os canhões 75 Krupp, Tiro Lento, vão occupar pontos adrede escolhidos para a *defeza approximada*. Os canhões, já perfeitamente municiados, ficam em vigilancia. Pessoal a postos. Radio e telephones controlados.

Emfim, a Fortaleza, cheia de polvora e de armas, apenas aguarda a hora H, para dizer das suas intenções revolucionarias, pela garganta de aço dos canhões...

❋

Episodio commovente, e que a todos enche de alegria, é o da liberdade de onze presos politicos, todos officiaes, que a policia do sr. Oliveira Sobrinho achou prudente enviar para essas muralhas vetustas.

A noticia, embora a todo o momento esperada, enche de alegria esse brilhante punhado de officiaes.

Não é tanto a alegria pela restituição da liberdade. E' mais pela opportunidade que se apresenta de poderem desincumbir-se das missões que lhes são impostas pela Revolução.

Devem todos se apresentar no Morro do Pico ao general Leite de Castro. E, meia noite, lá se vêem brilhando, dentro da treva, as lanternas electricas dos officiaes, que vão galgando o Morro.

As luzes apparecem, reapparecem, na mancha escura e majestosa da noite, guiando os capitães Dubois, Limeira, Danton, Jaire, tenentes Mello, Varonil.

E, lá no alto, continúa a piscar o pharolete do Forte.

Um detalhe pittoresco: o lampeão verde, que illumina a praça que tem o nome do bravo Major Digno, morto no cumprimento do dever.

❋

A noite vae pesada. O céo aparece mais baixo, suffocando a terra como immensa abobada de ardosia.

Tudo, na faina febricitante de ultimar as mais rigorosas providencias de guerra.

Armam-se espoletas; preparam-se estopilhas; giram-se volantes...

E emquanto toda a Fortaleza se arma no silencio e na escuridão da noite é, realmente, de impressionar o contraste de belleza e de tranquillidade, que se nota do outro lado da bahia.

— A cidade dorme traquillamente, ingenuamente, pulverisada de luzes...

Até parece aquella menina de *Chanaan* que adormeceu na floresta e, durante o somno, ficou cheinha de vagalumes...

Como é facil de imaginar o espanto com que, daqui a algumas horas, ella acordará violentamente despertada pelo estrondo do canhão...

Em baixo — Parte interna, vendo-se os dois andares de casamatas.

Antigo *Whitworth*, em bateria, recordando glorias do passado.

❋

Afinal, uma claridade muito tenue vem descendo do alto.

Vão lentamente se abrindo as cortinas de nevoa e de sombra.

E a luz d'alva começa, timidamente, a destacar o contorno dos morros, fazendo sobresaltar na olympica scenographia da natureza a majestade do oceano e das montanhas.

A madrugada surge, encantadoramente, vestida de branco e coroada de luz...

E, saudando militarmente a sua apparição, mais que esperada, ouve-se o toque harmonioso da alvorada...

As notas metallicas vibram no ar, com uma suavidade especial!...

Mas que tem hoje esse toque de differente do das outras vezes? Como consegue desta feita cortar a alma, commover fundamente a guarnição que, tendo passado toda a noite em claro, agora o escuta com profunda religiosidade?

Como é possivel que um simples toque de corneta, algumas notas apenas, consigam no momento impressionar mais que uma grande orchestra tocando o *Parcifal?*

As leis da emoção...

E' que a singeleza do toque se transfigura com a grandiosidade do scenario e a solennidade do momento. E, mais que uma alvorada, mais que um simples accidente de folhinha, o que elle annuncia é uma nova época, uma nova Republica, o dia de uma Revolução...

Já estamos em 24 de Outubro de 1930!

A manhã não se apresenta, porém, em grande gala—muita luz, muita alegria, muito sol — compativel com as altas ceremonias da jornada.

Apparece, pelo contrario, fria, humida, chuvosa.

Que manhã triste!

Uma chuvinha miúda começa a embaciar o céo. O sol esconde-se atrás de pesadas nuvens cinzentas. Grande pedaços de nevoa, aqui e além, occultam a belleza da cidade.

E, para augmentar ainda mais a tristeza que a todos acabrunha, vêem-se officiaes e soldados, sumidos em escuros capotes, multidão de vultos movendo-se de um lado para outro, á volta dos canhões, nas casamatas, nas *baterias de fogo*, diluidos dentro do nevoeiro baço e fustigados pela inclemencia da chuva impertinente e miudinha.

❋

A impaciencia e a nervosidade de todos exigem que o tempo passe mais depressa e que mais rapidamente possivel chegue a hora H...

Mas as horas arrastam-se pesadamente...

Tudo está a postos.

Os canhões — guarnecidos.

A banda de musica, prompta para romper o Hymno Nacional, ao primeiro tiro. A Bandeira, aliás nova e que vae ser estreada nesse dia, já está na driça para ser hasteada simultaneamente com o hymno e as salvas.

E os minutos não querem andar.

Quasi nove horas...

Afinal, lá no alto do Morro do Pico, é hasteada a Bandeira.

Relogios acertados. O ponteiro marca exactamente nove horas. E' a hora H...

Chega o momento culminante, o instante maximo da emoção, o minuto psychologico.

— 1.ª Bateria, Fogo!

E um estrondo, rouco e surdo, estruge nos ares. Uma nuvem de fumaça branca sobe da casamata.

Em baixo — Holophote e sentinella do Pharol.

Ao mesmo tempo, rompe o Hymno Nacional e a Bandeira, na manhã chuvosa e fria, vae subindo lentamente no mastro com as homenagens da musica e dos canhões.

Toda a guarnição — em profundo silencio, em continencia, compenetrada da gravidade do momento e arrebatada pela belleza empolgante da solennidade.

A Revolução se annuncia, á voz do canhão, erguendo nas mãos a Bandeira da Patria e cantando o Hymno Nacional.

"Alea jacta est!"

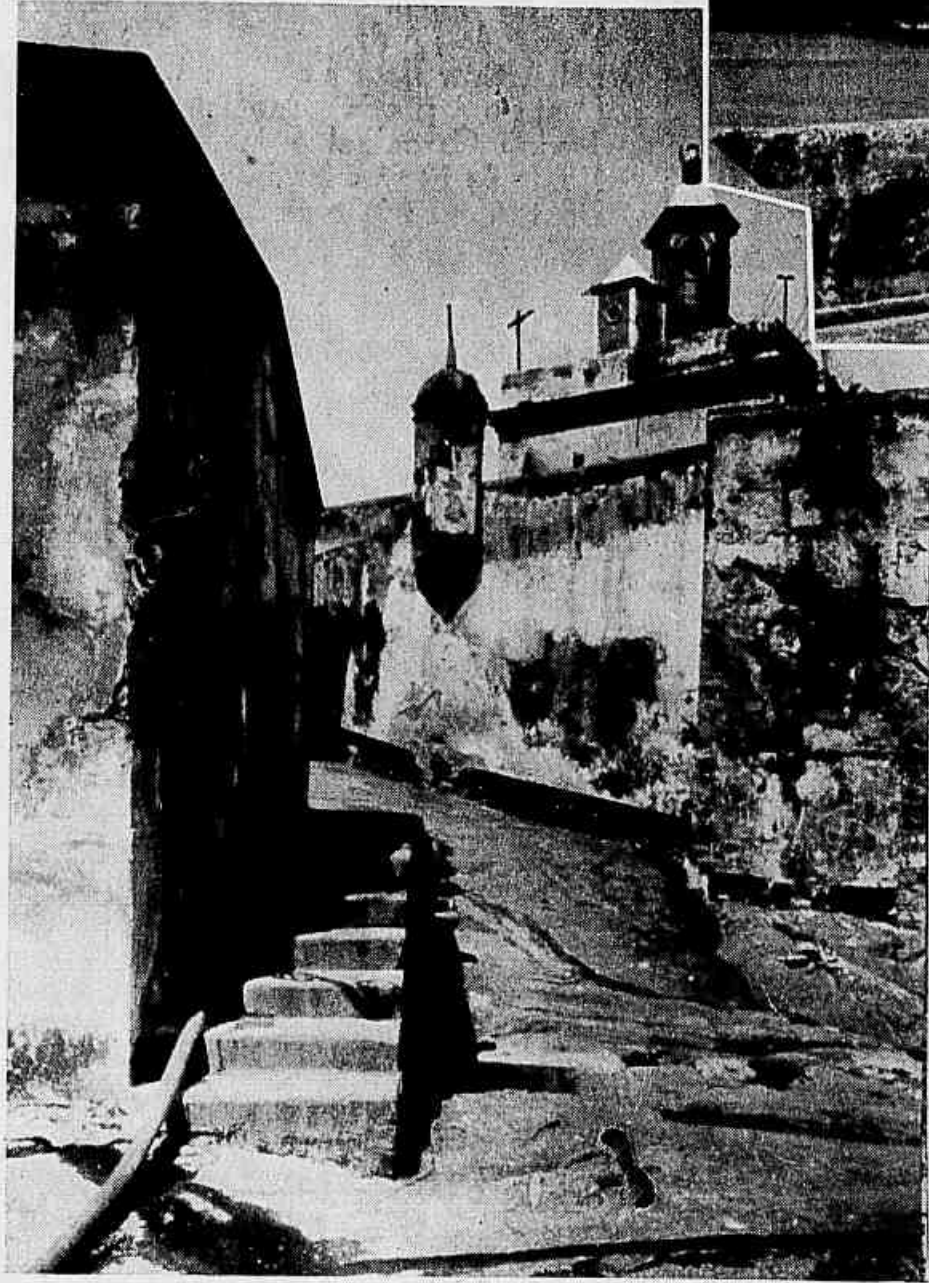
Em cumprimento das missões que lhe são commettidas, a Fortaleza faz hastear no "pau chileno" os signaes internacionaes de "porto fechado".

As bandeirolas agitam-se ao vento, multicores, decorativas...

A's 10 horas apparecem os primeiros navios, que demandam ingenuamente a barra.

São trez navios nacionaes e o *Holbein*.

Quando se acham á distancia conveniente, roncam os primeiros tiros de advertencia.

A entrada da Barra, vista da Fortaleza.

Vista interna: rampa de accesso e guarita colonial.

Perspectiva da galeria casamatada, vendo-se os reparos dos velhos canhões.

Fogo! E novos estrondos rebôam por toda a Fortaleza!

E começa, então, a symphonia dos canhões.

São João tambem salva. Segue-se a Fortaleza de Lage. São Luiz já está atirando.

— "Seu" capitão, *Imbuhy tá* queimando!...

E *Vigia* e *Copacabana* completam a formidavel orchestra de Plutão, cada fortaleza dando quinze tiros, correspondentes aos quinze Estados, que já se acham fóra da autoridade do sr. Washington Luis. O espectaculo das sete fortalezas, *salvando* ao mesmo tempo, quebrando o silencio da manhã com os fortes estrondos dos canhões — é simplesmente majestoso.

As bandeiras drapejam em todos os mastros e as nuvens de fumaça branca se espalham pelo cinzento do céo, pelo verde dos mattos, pela massa escura das cúpulas e das muralhas, como flócos brancos de incenso.

Ha a impressão dum grande bombardeio.

Os canhões rouquejam. E, para completar a belleza scenographica do espectaculo, apparecem, perfeitamente formadas, as esquadrilhas dos aviões, lançando *manifestos*.

A precisão chronometrica com que são cumpridas todas as Ordens de Operações é realmente impressionante.

Nada falha. Tudo em perfeita combinação, articulado em ordem impeccavel.

As Fortalezas manifestam-se pela bocca dos seus canhões. Voam os aviões. A tropa sae dos quarteis, confraternizada com o povo, rumo ao Guanabara.

A Revolução ataca o governo, por terra, pelo mar e pelo ar. De todos os lados.

Poucos minutos após cessam as salvas, cessam os cento e cinco tiros.

Os aviões continuam a voar e a tropa a marchar...

Que será do Governo do sr. Washington Luis a estas horas?

Parece que não ha duvida...

— Um Governo deposto... e com tiros de polvora secca...

Os navios não os comprehendem e insistem na marcha.

O canhão retumba outra vez, surdamente. Os navios ainda insistem, apezar dos visiveis signaes de "porto fechado". Mas desta vez as baterias de fogo se abalam com os retumbos mais potentes do tiro real.

Os projecteis levantam repuxos dagua á frente dos navios.

E diante de um argumento tão convincente — a bala — todos dão machinas atrás. Um manobra tão precipitadamente que quasi *monta* a pedra da Lage. Todos dão marcha á ré e ficam lá fóra, perto da Ilha Rasa, aguardando melhores entradas...

Decididamente a bala ainda é um optimo argumento...

❀

Horas nervosas... A victoria ou o fracasso?...

Que estará se passando no Guanabara?... Até onde irá a resistencia do Governo?

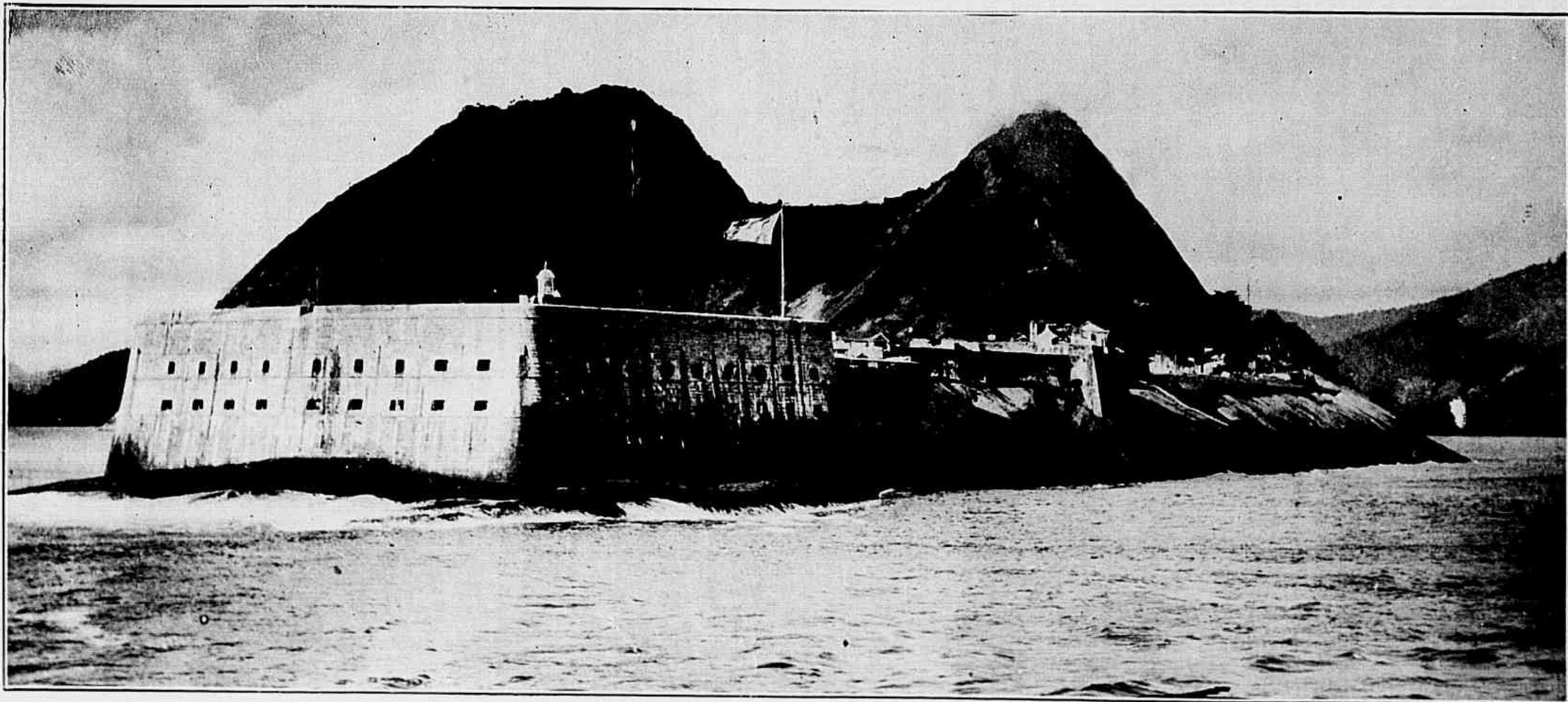
Os radios continuam confusos.

Emfim, a Fortaleza tem a convicção de que cumpriu o seu dever. E, confiante, aguarda o resultado da jornada.

O dia continúa nublado, feio e triste.

Mau grado a falta de noticias tem-se, comtudo, a impressão que o Governo agoniza...

E o Sol ascende timidamente pelo céu, amarello, baço e triste, como as velas que se collocam na mão dos defuntos...

As presentes paginas constituem um dos capitulos do livro 1.ª Bateria, Fogo! *hoje dado á publicidade.*

Aspecto externo da Fortaleza.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANNIVERSARIOS

No dia 7 — a sra. Isabel Poggy de Figueiredo; senhorinhas Emilia Bomfim Lima, Clotilde de Barros Pimentel e Conceição Felisbello Freire; os drs. Oscar de Souza Leite, Olegario Tavares e Mario Ferreira; o coronel Alfredo José Abrantes; o commandante Benedicto Leal, o menino Darcy, filho do dr. Olegario de Azevedo.

No dia 8 — as sras. Leonor da Motta e João Carregal; as senhorinhas Maria de Lourdes de Figueiredo e Odylla Pimentel Leão; os drs. Guimarães Rios da Costa, Arthur Castro Lima, Renato Tavares e Julio Duarte; o sr. Otto Renato Barroso; o almirante Pedro de Frontin.

No dia 9 — as senhoras Heitor Beltrão e Humberto Antunes; as senhorinhas Carmelita Calazans e Julieta Gomes Cruz; o general Jonathas Barreto; os drs. Manoel Gomes de Mattos, Cezar de Oliveira Costa, Victor Marks e Cleantho Jequiriçá; o commandante Raul Tavares; os nossos presados confrades Augusto Pinto Lima e Vasco Abreu; o sr. Accacio Leite.

No dia 10 — as sras. Julia de Souza Moura, Cardoso de Mello, Henrique Marcondes e Augusto Porto-Alegre; as senhorinhas Haydée Vianna, Dinah da Rocha e Izabel Carlos Leal; o marechal Salustiano Reis, os drs. Sylvio Martins Portocarrero, Miguel Austregesilo e Pedro Carneiro da Cunha.

No dia 11 — as senhoras Luiz Liberal, Brito Cunha e Francisco Goulart; as senhorinhas Leonor Telles de Almeida, Everilde Faria Mascarenhas e Catharina de Oliveira Gameiro; os drs. Arthur de Vasconcellos e Adolpho José del Vecchio; os coroneis João Baptista de Figueiredo e Cornelio Jardim; a graciosa Flavia, filha do dr. Flavio Moura.

No dia 12 — as senhoras Carlos Calheiro de Alencastro, Oscar Augusto Lopes, Leopoldina Vicente Martins, José Vasco Ortigão e Patricia Hildebrando Barroso; as senhorinhas Sylvia Rabello, Maria de Souza Nova, Ottilia Odette de Barros e Evangelina Moraes de Barros; os drs. Costa Rego e Aprigio dos Anjos; o commandante Auguste Fernandes de Araujo; a eminente poetiza Gilka da Costa Machado.

No dia 13 — a sra. Odette Wandeck da Cunha Costa; as senhorinhas Stella de Moraes, Aggripina Dalmacia dos Santos, Alda de Sá Vinhaes e Laura Krone; os drs. José Julio da Costa, Arthur de Sá Earp; o nosso confrade Honorio Netto Machado, o coronel Hyppolito Dutra da Fonseca.

NOIVADOS

— a senhorinha Gilberta Maia e o jornalista Oswaldo Camargo Abile;

— a senhorinha Iara Heitor e o sr. Lauro de O. Guimarães;

— a senhorinha Amelia Silveira e o sr. Mario Braga;

— a senhorinha Iara Diniz e o sr. Marcos Aurelio Silveira;

— a senhorinha Ruth Brandão e o sr. Odilon Braga;

— a senhorinha Ritinha Meira e o sr. Waldemar Gouvêa.

CASAMENTOS

— a senhorinha Elvira Siqueira e o engenheiro Adalberto Cumplido de Sant'Anna.

— a senhorinha Maria José P. Costa e o sr. Mario Pereira das Neves;

— A senhorinha Maria da Gloria Maciel de Mattos e o sr. Jayme Soares de Azevedo;

— a senhorinha Bertha Maria de Pinho Gomes e o dr. Antonio Gavião Gonzaga;

— a senhorinha Olga Turchett e o professor Potyguar de Carvalho Veiga;

— a senhorinha Hermosa Briggs Azamor e o sr. Gabriel dos Santos Calixto.

DIPLOMATAS

Acompanhado de sua familia seguiu para a Hollanda o ministro Helio Lobo, que vae assumir o seu posto em Haya.

❁

Para Montevidéo seguiu, acompanhado de sua familia, o dr. Arthur de Araujo Jorge, ministro plenipotenciario do Brasil junto ao Governo uruguayo.

Foi muito concorrido o embarque do distincto diplomata, que seguiu pelo *Highland Monarch*, segunda-feira passada.

❁

Pelo *Siqueira Campos*, seguiu acompanhado de sua familia para Sevilha o dr. Eurico Costa, que acaba de ser designado para dirigir o consulado do Brasil naquella cidade.

OS QUE VIAJAM

Seguio para Matto Grosso, onde se demorará algum tempo, o engenheiro civil dr. Antonio Fragelli.

❁

Para Natal seguiram, pelo *Almirante Jaceguay*, o dr. Oswaldo Orico, em missão do governo, e o ex-deputado pelo Rio Grande do Norte, dr. Dioclecio D. Duarte, que vae áquelle Estado em viagem de recreio.

Senhorinha Elvira Siqueira, da sociedade paulista.

❁

Em companhia do seu illustre progenitor, professor Octavio Bevilacqua, regressaram da Europa, na semana passada, as gentis senhorinhas Dora e Isa Bevilacqua, nomes do maior relevo na nossa sociedade e brilhantes ornamentos do nosso meio artistico-musical.

A senhorinha Dora, que fôra ao Velho Mundo no goso do premio de viagem de piano, regressa ao Brasil, depois de ter estado em contacto com os meios mais artisticos das nações européas.

A volta das senhorinhas Bevilacqua constitue não sómente uma nota social da mais alta significação, como um acontecimento de arte, que sobremodo alegra os admiradores dos seus finos e inconfundiveis dotes artisticos.

VERANISTAS

Para Lambary: — o dr. Hippolito Garcez e familia; o sr. Haroldo Lardy; as senhorinhas Zezé e Edith Thiers Fleming; o dr. Nestor Moura Brasil e familia; o dr. Arnaud Alves Ferreira e senhora; o dr. Baeta Braga e filhas, Nair e Iolanda Braga; a viuva Pereira Fernandes e sua filha a senhorinha Alda Fernandes; o dr. Haroldo Brito; o coronel Arthur Bastos e filha; a viuva Braga Costa e a poetiza Enedina Braga; o dr. Jovino Carvalhal e familia; o ministro Bento de Faria e familia; o dr. Edmundo Bento de Faria e senhora.

❁

Para Vassouras: — o sr. Apparicio Veiga e senhora; as senhorinhas Emireni Veiga e Mirce Lameiro; o dr. Moacyr Leivas e senhora; o dr. Dionysio Leitão.

REUNIÕES DE VERÃO

O Fluminense F. Club, com o seu programma de verão, tem proporcionado aos seus associados as mais lindas reuniões. Os sorvetes-dançantes que ali se vêm realizando têm sido tudo o que se possa imaginar de agradavel. O de quinta-feira ultima esteve magnifico. Dançou-se e applaudiu-se um punhado de bons artistas num programma suggestivo e attrahente. Em summa — uma tarde deliciosa que pena é não se poder repetir todos os dias.

❁

O Praia Club realizou com muito brilho, sabbado passado, em seus salões, um saráu dançante.

NOITES DE ARTE

Realizaram-se com muito encanto: a da Associação Christã de Moços, sabbado ultimo; a do Club Nacional, domingo passado. Ambas tiveram assistencia numerosa e fina, bellos programmas e interpretes impeccaveis.

BAILES

O acontecimento de mais brilhante repercussão mundana da semana que passou foi o lindo baile em homenagem a Nenê Baroukel.

Os salões confortaveis do Automovel Club encheram-se de um mundo de gente fina e elegante — altas figuras da nossa sociedade, do nosso meio jornalistico e do mundo artistico — e foi uma formosissima festa de cordialidade o baile offerecido á graciosa *diseuse*.

PELAS SERRAS

Quanta saudade dos dias que se passaram! Assim vivem os que andam pelas serras... Viver de saudade, viver de relembrar, viver de recordar!

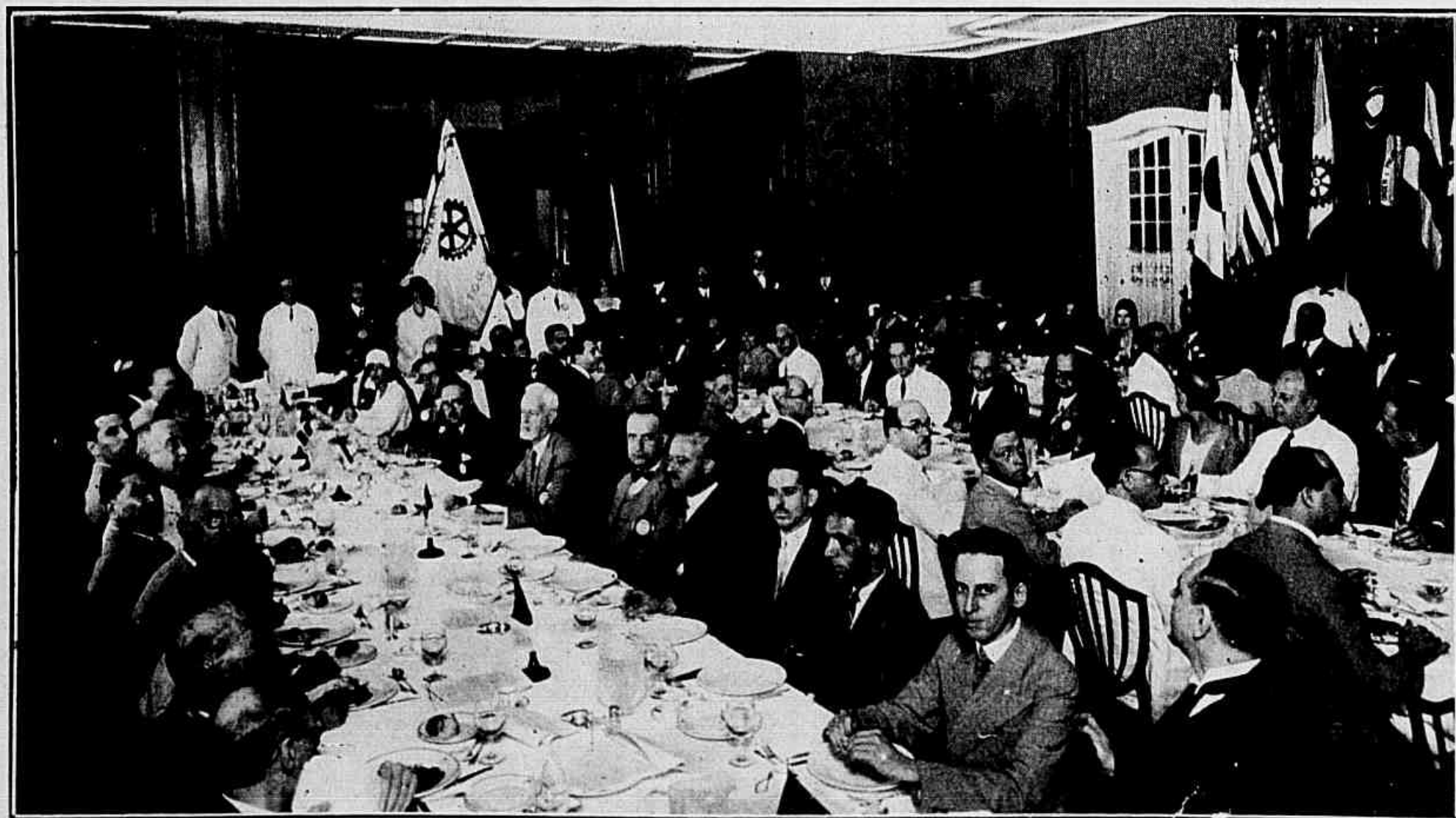
Por que? Porque é um viver de bellezas sem fim o que se está desenrolando pelas montanhas. Os dias têm se succedido maravilhosamente lindos! Parece que em cada canto vibra a alegria. Só se pensa em passeios, festas, jogos, picnics, e quanta cousa mais que possa fazer a delicia dos dias que passam.

Após o Carnaval organizaram-se novos programmas e algumas destas cidades serranas já começaram a executal-os.

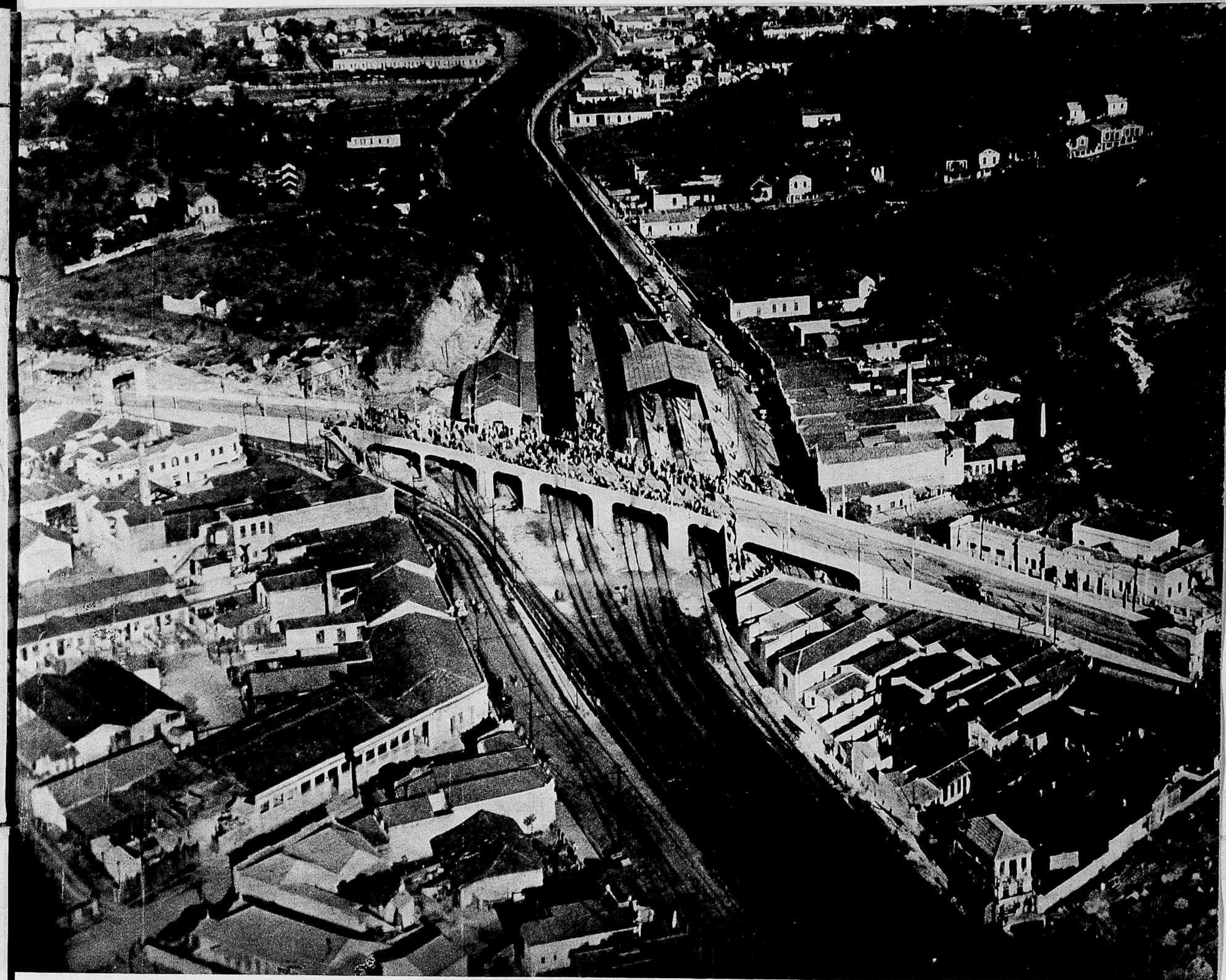
— Em S. Lourenço, com a passagem ali do presidente Getulio Vargas têm sido em profusão as festas. Têm-se vivido os dias mais ruidosos e lindos que se possa imaginar. A cidade toda nos seus mais longinquos recantos exulta de movimento e alegria.

—Petropolis, a formosa *princeza azul*, que hospeda neste momento, no Rio Negro, a senhora Getulio Vargas, tem estado encantadora. Todas as suas reuniões são requintadas de fidalguia e elegancia. E assim têm sido ora as reuniões do club Xadrez, onde se dão *rendez-vous* todos os elementos de destaque social; ora as formosissimas tardes do Club Petropolis; ora as *soirées*-dançantes do Petropolitano, e todas ellas com a presença do alto mundo petropolitano e veranista.

Cuida-se agora de alguns *pic-nics* e passeios campestres, com os quaes, talvez, seja encerrada esta magnifica série de reuniões, pois muitos veranistas, e dos mais *festeiros*, falam em ir tambem ás aguas.

Emfim ha ainda uma optima quinzena a aproveitar. E certamente, gostosamente, será a melhor parte a ser aproveitada.

No dia 27 de Fevereiro o Rotary Club, a mais prestigiosa das aggremiações das *elites* metropolitanas, commemorou simultaneamente, em seu almoço semanal realizado no Palace Hotel, a passagem do 26.º anniversario da fundação do Rotary Internacional (organização central, com séde em Chicago) e o 8.º do club desta cidade. Organização extremamente progressista e constructora, foi com real orgulho que o Rotary poude, em oito annos de existencia, sentir o muito que tem produzido em todos os terrenos da actividade social e avaliar o prestigio crescente com que evolúe, já integrado totalmente nas nescessidades moraes e materiaes da representatividade brasileira.

NOSSA TERRA

NOVOS ASPECTOS DO RIO

A cidade cresceu... Não bastaram as planicies suburbanas: escalou os outeiros, galgou as serras, ganhou o solo submerso, que roubou do mar! A vitalidade foi maior que o crescimento: a congestão do trafego, a crise de habitação, o tumulto progressivo do trabalho! E o Rio se espreguiça, hoje, da esplanada do Castello aos mangues de Santa Cruz, dos bungalows *do Leblon aos pontanos de Merity, na maior área metropolitana do mundo!*

Os trens suburbanos resfolegam, incessantemente, sobre os trilhos, na faina de luctar com a distancia. O leito da central é um longo hiato aberto no chão carioca, a obstar ao vai-vem da turba. Não é bastante para drenar a gente do centro da cidade para o repouso quasi bucolico das bairros distantes. Mas chega para oppôr uma barreira entre a cidade praieira e a cidade alpestre. O carioca não desanima: ou desce ao subsólo, para evitar a barreira, ou salta ousadamente sobre o railway, *sobre a fumaça das machinas, sobre as fagulhas das carvoeiras!*

Cascadura talvez fosse o obstaculo mais sério. Entre duas cidades: Inhaúma, de um lado, Jacarépaguá, de outro. Um mundo de artérias a deterem-se, inanes, ante o impossivel de uma cancella estreita. E o homem venceu esse impossivel com uma ponte de cimento armado por onde transitam hoje, afanosamente, pedestres, vehiculos — uma multidão verdadeira, como se a trajectoria do salto gigantesco se tivesse crytalizado em vigas de aço, em blócos de cimento, em pilastras e declives, para deixar, no espaço, a visão grandiosa do trabalho maravilhoso.

P. G.

Os funccionarios da Prefeitura do Districto Federal homenagearam recentemente duas altas figuras daquelle departamento de administração publica. O cliché da esquerda representa a demonstração de apreço feita ao coronel José Muniz, chefe da Recebedoria da Prefeitura, por occasião de seu anniversario natalicio ultimamente passado. O da direita é a manifestação feita ao major Archimedes Johnston Soutinho, que se despediu de seus collegas por ter sido aposentado.

A IMPRENSA ILLUSTRADA E A CRISE

Quando se tornou intoleravel a crise economico-financeira que, desde algum tempo, vem angustiando o paiz, a Companhia Editora Americana, proprietaria da REVISTA DA SEMANA, EU SEI TUDO, A SCENA MUDA e o ALMANACH EU SEI TUDO, avaliando bem as contingencias que adviriam da permanencia dessa crise e da impassibilidade da imprensa illustrada no tocante ás providencias que se impunham para sua defesa, fez inserir numa de suas publicações, A SCENA MUDA, uma nota que foi, ao mesmo tempo, exposição e appello. Exposição dos males em que, actualmente, a imprensa illustrada se debate e appello aos vendedores e agentes para que se multiplicassem no sentido de incrementar as vendas e as remessas, para que A SCENA MUDA não fosse obrigada ao destino que tiveram algumas das revistas de seu genero: o desapparecimento. A isto foi levada a Companhia Editora Americana porque, diminuidos grandemente os annuncios, por força da crise que asphyxia o commercio, elevado extraordinariamente o custo da materia prima, que constitue 50 % da confecção, (papel, tinta, zinco, acidos para gravura etc.) em razão da progressiva baixa do cambio, e de serem os pagamentos de facturas feitos em ouro, no estrangeiro, sentiu esta empreza que, em futuro que se não poderia affirmar remoto, lhe estaria imposto optar por uma das alternativas: o esgotamento de sua capacidade commercial, pelas perdas constantes, ou a suspensão das publicações, para evitar um desfecho ruinoso. Essa nota teve uma repercussão de que nos orgulhamos; não tanto porque nos houvessem outorgado uma autoridade que reputamos exaggerada, mas porque nos sentimos felizes por sabermos que ha quem nos empreste sua solidariedade e comnosco queira collaborar na obra de tornar de interesse geral o problema a que nos devotamos neste instante: a defesa da sorte da imprensa illustrada, no paiz.

Sob o titulo que encima estas linhas *O Jornal*, em sua edição de 27 de Fevereiro, publicou um longo artigo em que, lisonjeiramente, commenta a nota que A SCENA MUDA exhibiu, e examina largamente a realidade do problema. Embora o illustre articulista discorde, em these, das providencias que declara estarem adoptando as empresas jornalisticas (côrte de despezas supérfluas, suppressão de paginas nos numeros das publicações, reducção nos quadros de collaboradores e, finalmente, diminuição nos ordenados e salarios do pessoal) e preconize, abertamente, a elevação do preço das publicações, que foi fixado ha 9 annos, ao tempo do cambio a 13, com a libra a 19$000, e prevalece ainda com o cambio a 4 e a 60$000 o sterlino, mesmo discordando dessas providencias o articulista concorda *in totum* com o ser uma imperiosidade obedecer-se a uma orientação que solucione um problema que não pode permanecer como está.

De facto, são condemnaveis todas as medidas que produzam o regresso do nivel artistico e literario das publicações. Elle é o thermometro do valor e do prestigio de uma revista. Achamos, outrosim, que sómente a elevação racional e toleravel no preço das publicações pode tornar soluvel o problema.

Temos, até agora, resistido em adoptal-o, preferindo o sacrificio que experimentamos. Mas, desde que nos convençamos de que elle é o grande remedio para o grande mal, não hesitaremos em esposal-o se apenas depender delle o que nos dispomos a conseguir com os maiores esforços; porque a conservação da vida da imprensa illustrada é um patrimonio historico-social e um indice fiel do desenvolvimento e da importancia de um povo

RUY BARBOSA

O dia 1 de Março assignalou a passagem do 8.° anniversario do desapparecimento da grande figura de Ruy Barbosa que foi, sem duvida, o brasileiro que mais se elevou no conceito de seus contemporaneos e maior projecção para sua patria conseguiu objectivar com o poder de sua immensa cultura e de sua palavra inexcedivel. Eternizaram-se, na memoria dos brasileiros, suas memoraveis victorias na celebre conferencia de Haya, em que o mundo, assombrado, assistiu á revelação do Brasil mental que assumia, imprevistamente, a feição de uma grande e positiva realidade, antes de ser materialmente conhecido. A obra de Ruy Barbosa, dentro da mentalidade brasileira, foi uma formidavel cruzada de renovação politica e de doutrinação. As vezes em que seu vulto invulgar se levantou para a consecução do verdadeiro regime republicano, apezar de haverem cahido, todas ellas, na apparencia dos insuccessos eleitoraes, ergueu perennemente o monumento com que a Patria, mais tarde, procuraria symbolizar a sinceridade de sua ideologia. Por isto Ruy Barbosa não desappareceu, no sentido espiritual do termo.

Vive na magnificencia de seu valor legado ás gerações como o maior de todos os patrimonios.

Anteciparam-se de um dia officios religiosos em sua memoria, mandados celebrar por sua exma. familia no sabbado, 28 de Fevereiro, em a capella de seu tumulo. E' dessa missa o aspecto que damos nestas columnas, estando a viuva do grande bahiano assignalada na photographia.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

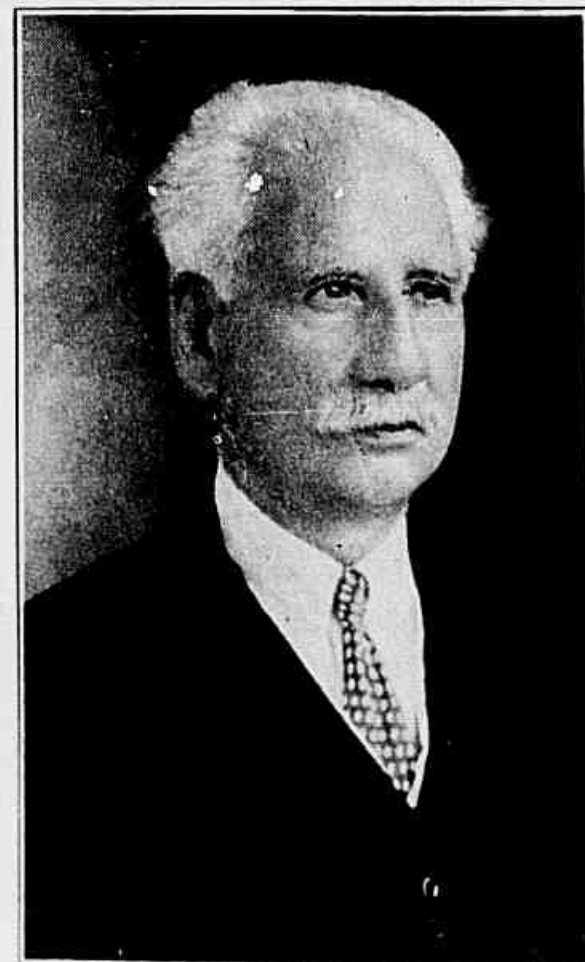
GALERIA JORGE

A Galeria Jorge mudou-se para a Avenida Rio Branco. Era naturalmente o seu lugar. Em verdade, ella prosperou e se fez grande, ao lado da soberba arteria, na velha e relativamente modesta rua do Rosario. Para alli attrahiu os raros amadores de arte que, naquelles primeiros tempos, existiam no Rio de Janeiro; alli creou, educou ou esmerou outros apaixonados da belleza, cujo numero foi crescendo, lenta mas regular e seguramente, até constituir, como hoje constitue, um publico. Pelas suas paredes — e com perfeito desinteresse e abnegação do proprietario do estabelecimento — passaram exposições de todos os nossos artistas consagrados, bem como dos rapazes de valor, á medida que estes iam apparecendo. Egualmente alli se effectuaram "mostras" dos maiores pintores portuguezes e hespanhoes; de muitos italianos e francezes: e foi o sr. Jorge de Souza Freitas o primeiro particular que instituiu um premio annual na Escola de Bellas Artes.

Tudo isto a Galeria Jorge realizou na velha rua do Rosario, num predio do qual primitivamente occupara o fundo da loja e que depois foi invadindo e conquistando até lhe tomar por completo os dois vastos pavimentos... Mas o seu logar indicado e legitimo era a Avenida, onde está agora, no mesmo edificio da firma Salgado Zenha, e com o seu *stock* de alta pintura, como nunca escolhido e precioso. Lá se encontram obras dos nossos artistas mais illustres, dos maiores pintores de Portugal e de algumas dezenas de francezes, todos *hors concours* e celebres no mundo.

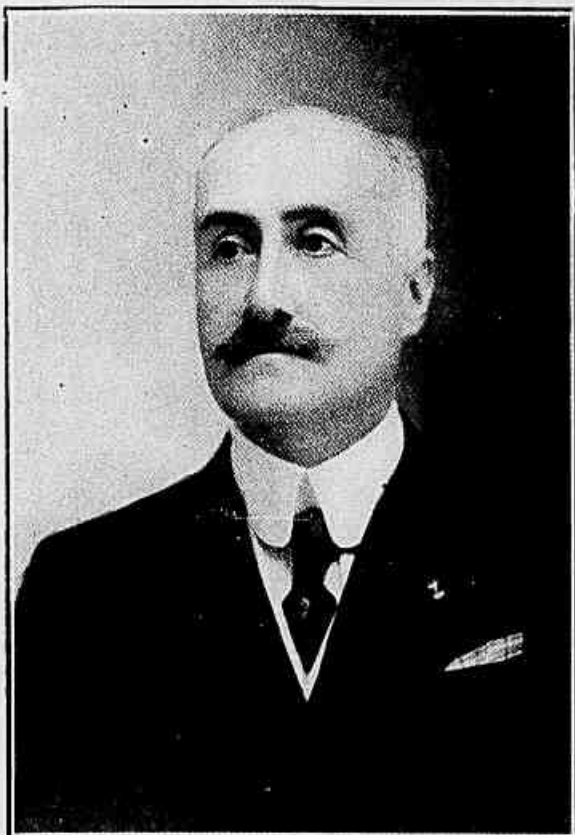
O esforçado, infatigavel e bem orientado trabalhador que é o sr. Jorge de Souza Freitas obteve assim — numa época em que tantos emprehendimentos estacionam ou desandam — mais uma positiva e deveras honrosa victoria.

Ministro Assis Brasil

De grande relevo politico foi o acto do Governo Provisorio que nomeou o ministro da Agricultura dr. J. F. de Assis Brasil para o cargo de Embaixador em missão especial, na Republica Argentina. Vaga ha quatro mezes que se acha a nossa Embaixada na amiga nação do Prata, e sendo S. Exa., como vai ser, o primeiro representante do Governo Provisorio junto á nossa irmã meridional, a attitude do Brasil revela um elevado espirito de fraternidade e de sympathia referentemente á Argentina, o primeiro paiz do mundo a reconhecer o Governo revolucionario. E' a primeira vez que a representação diplomatica do paiz no exterior é delegada a uma personalidade que se mantem, effectivamente, na coparticipação immediata da direcção do paiz. O ministro Assis Brasil continuará a deter a pasta que vem dirigindo com o brilho decorrente de seu alto merito e, instado pelo Governo argentino a partir antes da chegada do principe de Galles a Buenos Aires, de modo a poder tomar parte nas homenagens que serão alli prestados ao herdeiro do throno britannico, S. Exa. permanecerá de dois a tres mezes junto á nação irmã, que, respondendo á consulta protocollar da Chancellaria brasileira, declarou considerar o estadista gaucho "personna gratissima" á grande republica de Saenz Pena.

Ministro Assis Brasil.

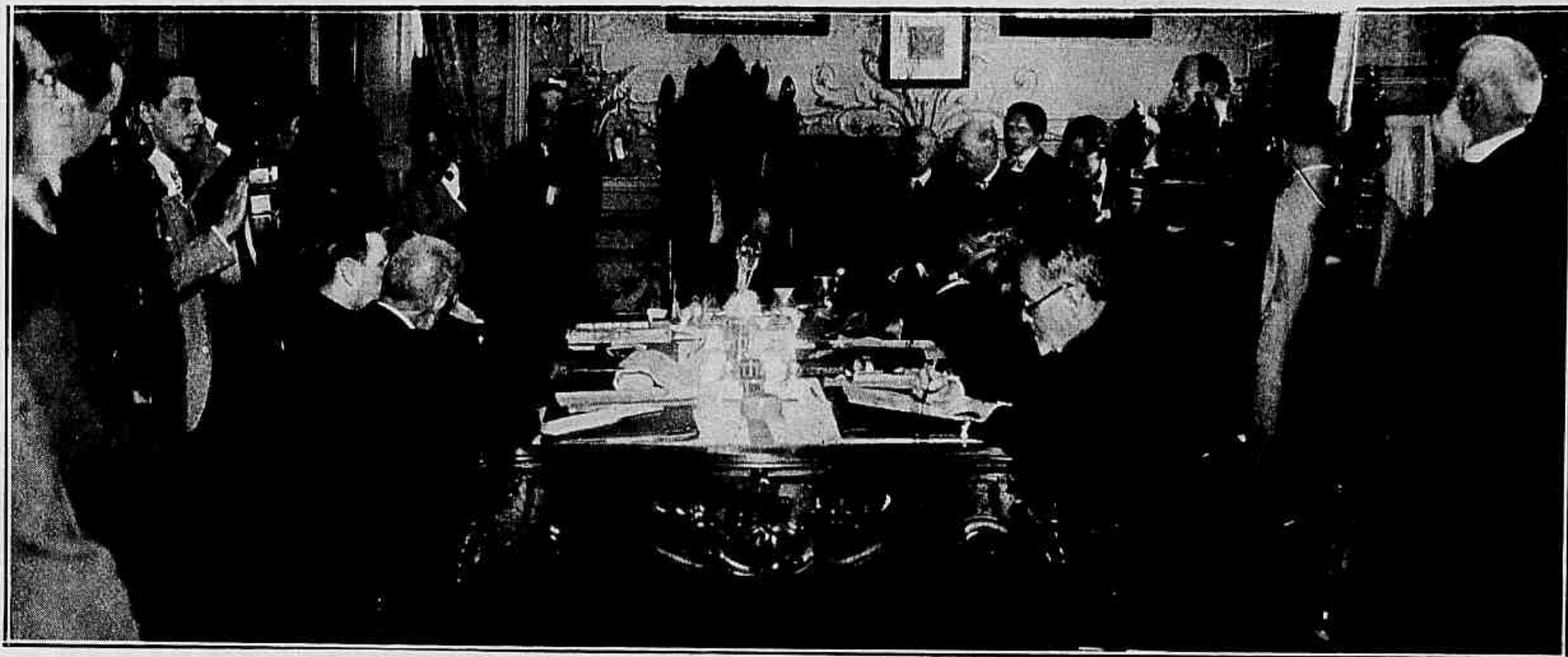
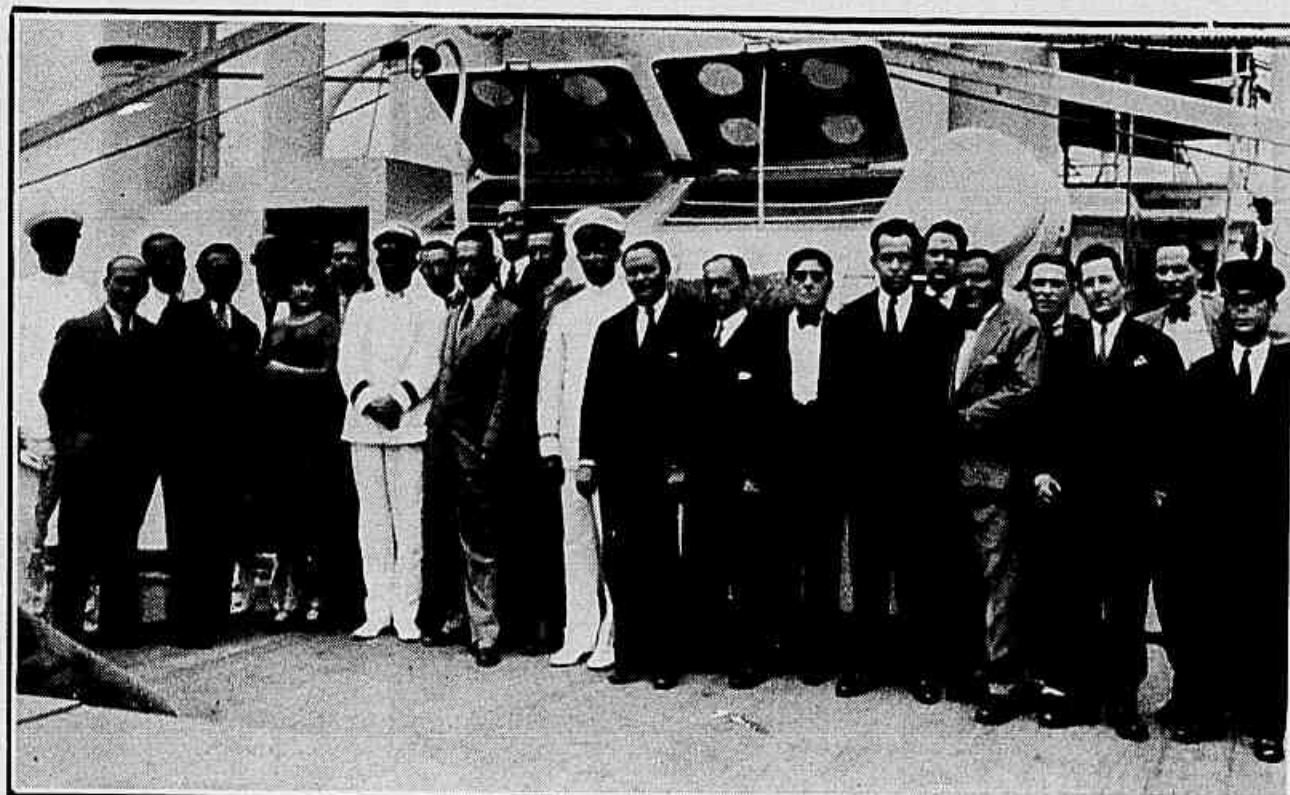
Ministro J. A. Barnet

Foi recentemente jubilado pelo governo de Cuba, e afastou-se, assim, da carreira diplomatica a que vinha servindo com incontestavel brilho, o ministro J. A. Barnet que, longos annos, exerceu o cargo de enviado especial e ministro plenipotenciario da amiga Republica das Antilhas junto ao nosso paiz.

Chamado á sua nação logo após a victoria da Revolução brasileira, Sua Excellencia não teve ensejo de regressar

Ministro J. A. Barnet.

ao seio carinhoso de nossa cidade, que o guardava, desde muito, com a intimidade dos verdadeiros amigos.

A sua passagem no nosso paiz é assignalada pela approximação crescente dos dois povos e pela activação do intercambio scientifico e commercial.

O Rio de Janeiro e a REVISTA DA SEMANA, que sempre se poude orgulhar de sua honrosa amizade, não podem, agora, senão desejar ardentemente que, em proximos dias, lhes seja dado revêrem o excellente amigo, já que não poderão mais reverenciar o inesquecivel Ministro.

O Supremo Tribunal Federal, em sessão extraordinaria realizada em 25 de Fevereiro p. passado, elegeu para os altos cargos de presidente e vice-presidente por expressiva unanimidade, respectivamente, os ministros Leoni Ramos e Edmundo Lins. E' a primeira eleição dessa natureza a que se procede no novo estado de constituição do mais alto orgão de justiça do paiz. A nossa photographia dá um aspecto da alta côrte durante o escrutinio.

O commandante Luiz Alberto offereceu á imprensa carioca, no dia 27 de fevereiro, a bordo do "Siqueira Campos", que com tamanha proficiencia vem commandando, um almoço á imprensa carioca, que sempre distinguiu com sua prestigiosa amizade. A impeccavel unidade do Lloyd Brasileiro reuniu os jornalistas cariocas e outros convidados, que posaram para as machinas photographicas em um grupo cordial que apresentamos aos nossos leitores, vendo-se nelle o commandante Luiz Alberto tendo ao lado a senhora Sylvia Serafim.

Nellie Melba

Falleceu na passada semana em Sidney a cantora Nellie Melba, o "passaro australiano", que encantou durante largo tempo, com o prestigio de sua voz de ouro, os circulos musicaes de todo o mundo. Na expressão universal de sua arte gloriosa engrandeceu a Australia nos centros estheticos da Europa e da America, e seu proprio nome, que foi repetido nas chronicas dos grandes jornaes metropolitanos e figurou nos cartazes dos grandes theatros e conservatorios, foi adoptado em homenagem á cidade de Melbourne, que a acompanhou, assim, em sua luminosa trajectoria de consagração.

Nellie Melba.

A mesa que presidiu ao sorteio, composta de directores e altos funccionarios da Sul America Capitalização, vendo-se ao fundo os tres representantes da imprensa que accionaram as rodas para o sorteio da 6.ª combinação. Aspecto da grande e selecta assistencia composta de portadores de titulos da Sul America Capitalização.

Algumas fardas velhas

VARIEDADES

Desconfiem dos presentes

Este caso passou-se em Londres. Um jovem casal tinha se installado havia pouco tempo n'um muito bonito appartamento, guarnecido com lindos objectos — a maior parte presentes de casamento.

Estavam alegremente jantando quando o correio trouxe-lhes uma carta que continha duas entradas para um theatro onde se representava uma opereta na moda.

Uma só phrase acompanhava-as: "Adivinhem quem lh'as envia".

Por mais que procurassem, não conseguiram adivinhar, e foram para o theatro, pensando que era mais um presente.

Na volta, tiveram a desagradavel surpreza de constatar que os ladrões, aproveitando da sua ausencia, tinham se introduzido em sua casa levando todos os objectos de valor.

Pregado n'uma cortina e bem em evidencia, encontraram um bilhete onde leram:

"Agora, sabem quem foi que lhes mandou os bilhetes de theatro."

— E' casado?
— Pois o senhor não está vendo?

Como as apparencias enganam

Tendo completado noventa e oito annos de edade, falleceu o mez passado o sr. James Underhill, de Wolverhampton, considerado o mais velho solicitador de Inglaterra.

Quando elle era moço, uma companhia de seguros recusou-se baseada no parecer dos medicos respectivos a acceitar o sr. Underhill como segurado. Era de facto um homem magro, escaveirado, e de saude delicadissima...

Agora, assignalam os jornaes que até aos oitenta e tres annos andou elle de bicycleta; aos noventa, tocava flauta e dava concertos em publico; nesse mesmo anno, curou-se duma pneumonia; ha quatro annos, tendo quebrado uma perna quando ia para a egreja, ficou rapidamente bom de todo; e ainda nos ultimos mezes se occupava pessoalmente da sua correspondencia e assignava cheques á razão de cem por hora.

Quanto aos medicos da tal companhia de seguros, com certeza já morreram ha muito tempo.

MODAS · COSTURAS E BORDADOS ▪ A VIDA NO LAR ▪ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▪ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

As opposições de côres entre o vestido e as guarnições, estão sendo muito empregadas. Os chapéus que acompanham essas toilettes tanto pódem ser do tom do vestido como da guarnição, sendo no emtanto quasi sempre preferida a côr desta ultima. O vermelho e verde combinam-se bem, o marron e o esmeralda vão admiravelmente, a turqueza e o preto parecem ter sido feitos um para o outro. O azul claro unido ao preto substitue o rosa, que foi tão empregado no anno passado. Golla e punhos azues, cintos azues, collares, broche e pulseiras azues destacam-se sobre fundos pretos. Todos os tons de azul, do azul claro ao azul esverdeado, são empregados nesses accessorios da toilette.

Os effeitos de tunica e de babados são legião. Paquin colloca-os sobre suas saias uns acima dos outros e cortados no tecido enviezado, para dar-lhes mais roda. Outros costureiros enrolam-os em volta da saia desde a bainha até á cintura, emquanto que outros dão-lhes roda em interessantes enforme. Para cada silhueta de mulher, um genero de babado é escolhido.

A renda representa um papel importante na nova moda. Nos vestidos de baile, da tarde, nos déshabillés e guarnições é empregada tanto a renda fina como a grossa. Um grande numero de vestidos são guarnecidos com incrustações de renda em volta do decote e nas mangas. Palas e blusas inteiras são feitas de laize de renda fina e sedosa. Para dar consistencia a certas rendas, bordam-se com seda, com contas ou põe-se um pouco de gomma.

Cyber emprega, em vez da renda, o filó. Para os vestidos das jovens é o tecido ideal. Disciplina-se a todas as exigencias, não se amassa muito, póde usar-se todas as estações e occupa pouco lugar nas malas. Mas é preciso sempre bastante tecido, pois as saias carecem de ser amplas, sejam ellas pregueadas, franzidas ou guarnecidas com babados. O filó póde ser empregado nas toilettes do dia: por exemplo o filó beige ou crú guarnecido com renda do mesmo tom fará sempre um vestido encantador; mas é por excellencia o tecido para a noite: haverá nada mais seductor que uma vaporosa toilette de tulle branco, azul, rosa ou verde claro? Com elle faz-se tambem adoraveis vestidos de casamento, naturalmente sem cauda, usando-se, nesse caso, de preferencia o véu de renda; mas com o véu de tulle

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de crêpe da China marron, saia com pregas batidas e pespontadas. Collete de toile de seda branca. 2 — Vestido de crêpe da China verde resedá. Guarnecido com botões do mesmo tom do vestido e com panneaux applicados dos lados formando tunicas. 3 — Vestido de crêpe marocain azul marinha, camiseta de crêpe Georgette branco. Carreira de botões nas costas. 4 — Vestido de crêpe da China vermelho escuro, tunica aberta nas costas, golla de lingerie bordada a ponto de cruz com linha do mesmo tom de vermelho.

OS ANTIGOS FILTROS DE BELLEZA SÃO SEMPRE OS MELHORES

Os especialistas de belleza de Paris declaram que as mulheres elegantes começaram a rebellar-se em todos os paizes do mundo. Em sua afanosa busca por novos elementos que permittam augmentar a belleza feminina, ellas hão terminado por verificar que, afinal de contas, os velhos amigos são sempre os melhores. Não se deixando levar pela extravagante propaganda de certos modernos productos de belleza, as mulheres de hoje em dia volvem aos simples remedios que, através dos annos, têm demonstrado a sua efficacia e que gozavam de popularidade entre as gerações que precederam immediamente a actual. Por exemplo, durante o transcurso do ultimo anno, ha augmentado tão notavelmente o consumo da antiga cêra pura "mercolized" ("Pure Mercolized Wax") que muitos pharmaceuticos e droguistas, com o proposito de attender á crescente procura popular, a vendem agora tambem em caixinhas de tamanho menor e, logicamente, de preço mais reduzido.

Tambem o carminol puro voltou ao seu antigo auge, pois offerece sobre o rouge a vantagem de que o colorido que empresta á cutis é muito mais natural e perfeitamente innocuo.

A legitima cêra pura "mercolized" é vendida somente em latas douradas.

Uma garantia de Rs. 40:000$000 —e o que significa!

Esta é a grande differença entre Sabão Sunlight e o sabão commum: o Sabão Sunlight é garantido absolutamente puro.

Cada pacote leva a garantia de pureza de Rs. 40:000$000.

Esta garantia significa que o Sabão Sunlight proporciona á sua roupa uma protecção infallivel; que V.S. pode lavar qualquer peça branca ou de cor sem perigo de damnifical-a. Significa que a sua roupa está a salvo de substancias nocivas, e conservar-se-á limpa e branca como a neve, ao mesmo tempo que terá a maxima duração possivel.

Peça o Sabão Sunlight, e verifique sempre se leva a garantia de pureza de Rs. 40:000$000 sobre a caixa.

SUNLIGHT SABÃO
SABÃO SUNLIGHT
UMA BARRA DUPLA

SABÃO SUNLIGHT

S. A. IRMÃOS LEVER - SÃO PAULO - BRASIL

S 2—0130 B

VARIEDADES

Desconfiem dos presentes

Este caso passou-se em Londres. Um jovem casal tinha se installado havia pouco tempo n'um muito bonito appartamento, guarnecido com lindos objectos — a maior parte presentes de casamento.

Estavam alegremente jantando quando o correio trouxe-lhes uma carta que continha duas entradas para um theatro onde se representava uma opereta na moda.

Uma só phrase acompanhava-as: "Adivinhem quem lh'as envia".

Por mais que procurassem, não conseguiram adivinhar, e foram para o theatro, pensando que era mais um presente.

Na volta, tiveram a desagradavel surpreza de constatar que os ladrões, aproveitando da sua ausencia, tinham se introduzido em sua casa levando todos os objectos de valor.

Pregado n'uma cortina e bem em evidencia, encontraram um bilhete onde leram:

"Agora, sabem quem foi que lhes mandou os bilhetes de theatro."

— E' casado?
— Pois o senhor não está vendo?

Como as apparencias enganam

Tendo completado noventa e oito annos de edade, falleceu o mez passado o sr. James Underhill, de Wolverhampton, considerado o mais velho solicitador de Inglaterra.

Quando elle era moço, uma companhia de seguros recusou-se baseada no parecer dos medicos respectivos a acceitar o sr. Underhill como segurado. Era de facto um homem magro, escaveirado, e de saude delicadissima...

Agora, assignalam os jornaes que até aos oitenta e tres annos andou elle de bicycleta; aos noventa, tocava flauta e dava concertos em publico; nesse mesmo anno, curou-se duma pneumonia; ha quatro annos, tendo quebrado uma perna quando ia para a egreja, ficou rapidamente bom de todo; e ainda nos ultimos mezes se occupava pessoalmente da sua correspondencia e assignava cheques á razão de cem por hora.

Quanto aos medicos da tal companhia de seguros, com certeza já morreram ha muito tempo.

ficará tambem muito vaporosa essa toilette. Os cabellos meio-compridos e os cabellos curtos fazem-se a guerra. Nenhum dos dois ainda foi completamente vencido até agora.

Vêem-se ainda penteados *garçonniers* — os cabellos alisados e separados por uma risca ou penteados para trás — mas não se vê mais penteados "á la garçonne".

Domina a moda encantadora dos cabellos ondulados e encacheados. Brevemente veremos a volta das travessas guarnecidas com strass e perolas, que segurarão os cabellos recalcitrantes ou os cachos da nuca.

MODA INFANTIL

1 — Vestido de linho vermelho usado sobre um *maillot* branco e vermelho. 2 — Vestido de linho branco, guarnecido com golla e punhos de linho vermelho com tiras de linho branco pespontadas. 3 — Vestidinho de linon azul claro enfeitado com franzido ninho de marimbondo. 4 — Vestido de cretonne de fantasia guarnecido com linho branco. 5 — Vestido de linho amarello claro guarnecido com golla e punhos de linho branco. 6 — Vestido de voile branco com pintas azues, golla e punhos de voile branco com viezes azues. Cinto azul. 7 — Vestido de fustão branco, guarnecido com croquet na golla e punhos. 8 — Vestidinho de linho azul: pala e bolsos de linho amarello claro; no bolso, bordado, um navio com linha azul. 9 — Saia, suspensorios e calção de linho vermelho, bluza de linon branco.

Conselhos sociaes

A FELICIDADE NO CASAMENTO

Muito erradamente imaginamos as Inglezas muito fleugmaticas, preoccupando-se tanto ou mais que nós com os problemas sentimentaes da vida. A prova está no successo colossal que obteve no anno passado em Londres um livro; intitula-se "O segredo do meu feliz casamento". E' elle o resultado d'uma collaboração entre oito esposas de personalidades celebres da Inglaterra.

Oito mulheres felizes, naturalmente, que não receiam dizel-o; oito mulheres que, cada uma por sua vez, confiam ás leitoras as razões da sua felicidade!

Essas razões são muito simples. Pódem ter a mesma efficacia n'um lar modesto como no lar ostentoso onde ellas fizeram suas provas. O segredo, o celebre segredo não é outro senão saber cumprir seu dever, e a confiança mutua.

Vejamos o que diz mrs. Clynes, esposa d'um dos ministros da S. M. Britannica:

"O casamento, disse ella, seria mais feliz se as mulheres se puzessem em face das realidades e não complicassem a vida com uma quantidade de theorias supostas psychologicas.

Deveriamos estar habituadas desde a infancia a achar natural que duas pessôas decidam viver juntas e uma para a outra.

A confiança mutua é tudo no casamento.

Um dia, antes do nascimento do meu primeiro filho, fiz cozer bastante pão para quinze dias e limpei a fundo a minha casa. Dez dias depois já estava de novo a pé,

SEGURO EM GRUPO LIMITADO

A "SUL AMER'CA" já havia adoptado a seguro em grupo, extendendo os beneficios do Seguro de Vida a empregados de grandes Companhias, a exemplo do que com muito successo se faz na America do Norte e que aqui está alcançando tambem o mesmo exito. Mas, em vista do grande numero de empresas que no Brasil trabalham com menos de 50 empregados, ou seja o minimo preciso para o SEGURO EM GRUPO, a "SUL AMERICA", para tornar mais ampla a divulgação do seguro de vida, resolveu crear novo plano afim de permittir que empresas, companhias ou firmas, até 50 empregados, contratem para estes um seguro de vida, desde que 75% do pessoal venham a adherir ao seguro e que o minimo seja de 25 pessôas.

São emittidas apolices individuaes, cujo valor pode variar de 5 a 20 contos, custando o premio menos que o do seguro de vida commum.

O seguro cobre riscos de morte e tambem de invalidez total e permanente.

Baseia-se o novo seguro em indicações summarias do estado physico, prestadas pelo proprio segurado, não existindo propriamente exame medico, como é entendido para o seguro de vida commum.

Finalmente, faculta-se ao segurado, ao deixar o emprego e, por consequencia, o grupo, um seguro em outro plano, para o mesmo capital, ao premio correspondente, sem a formalidade do exame de saude.

Este plano vem justamente favorecer uma classe que até agora estava mais ou menos privada do seguro de vida.

cuidando da minha casa. Era bem preciso; não tinha criados".

O futuro ministro ganhava naquelle tempo apenas o sufficiente para sustentar a sua familia muito modestamente: ganhava apenas 63$000 por semana. Era feliz a sua esposa — não se póde ter duvida agora: era tão feliz como elle.

Da velha Inglaterra vem essa voz lembrar-nos uma verdade elementar, mas talvez um pouco esquecida nos nossos tempos, que a primeira condição para a felicidade é a confiança mutua e, do ponto de vista pratico, a acceitação leal, para cada um dos esposos, de seus deveres particulares. Nada é mais simples, não é verdade? Mas haverá coisa mais simples em si que a sensatez. E quantos são os os que a possuem?

Nossa alimentação

O ALHO

O alho é tido por alguns como um dos melhores temperos e ao mesmo tempo como muito saudavel, emquanto que outros o maldizem pelo máu halito que deixa e como nocivo para a saude.

Deve se ficar entre estas duas opiniões oppostas: um pouco de alho bem applicado não faz mal e é um excellente tempero indispensavel para conseguir-se um bom assado de porco, de carneiro ou de vacca.

O alho pertence á grande familia das cebolas. O alho deve as suas propriedades a uma essencia que contém. E' ella que dá aquelle cheiro especial ao halito e á transpiração tambem.

Os Gregos, no tempo de Alcibiades, recusavam a entrada nos templos aos fieis que tinham comido alho.

Com certeza por consideral-o nocivo.

No emtanto, o alho é um antiseptico pulmonar; elimina-se pelas vias respiratorias, desinfectando as secreções bronchicas.

O alho quando se abusa delle irrita a mucosa intestinal, mas é recommendado a certos dyspepticos, a todos aquelles cujo estomago é lento, preguiçoso, porque activa o acto digestivo.

E' o alho tambem um hypotensor innegavel, quer dizer que faz baixar a pressão arterial. Segundo a opinião d'um velho medico marselhez, a razão de encontrar tão raramente a alta pressão arterial nos seus clientes, attribuia elle ao uso do alho na sua terra.

Conta a historia que Napoleão exigia que puzessem alho em todos os pratos e que Mirabeau chupava dentes de alho como se chupam balas.

PYJAMAS E ROUPÕES

1 — Pyjama muito moderno. Calça ampla e bluza de toile de seda rosa. Casaco de seda azul com grandes flôres côr de rosa. 2 — Roupão de voile de fantasia, a capa e a saia cortadas en-forme. 3 — Pyjama sem mangas de shantung verde claro, golla e gravata de seda azul marinha com pintas verdes. 4 — Roupão de setinetta azul marinha com desenhos brancos, guarnecido com tiras do mesmo tecido branco. 5 — Pyjama de shantung azul turqueza, a calça muito ampla é amarrada nos tornozellos com uma fita do mesmo tom. O casaco sem mangas é cortado en-forme. A bluza, cinto e casaco são guarnecidos com fita de setim azul do mesmo tom do tecido e fita de setim preto.

MENU DE ALMOÇO

(Receitas francezas)

PANCHOUSE (bouillabaisse da Borgonha)

CASSOULET DE TOULOUSE

FILET A LA SAVOYARDE

FLAMECHE PICARDE

OVOS EN MEURETTE

RAISINÉ DE BOURGOGNE

PANCHOUSE

A panchouse é a bouillabaisse de Bourgogne. Para fazel-a é preciso empregar peixes de varias qualidades (de agua doce quando é possivel).

Escamam-se, limpam-se e cortam-se os peixes em postas, que se collocam dentro d'uma panella grande com um pouco de toucinho cortado em pedacinhos, algumas cebolas e dentes de alho; molha-se fartamente com vinho branco.

Deixa-se o vinho pegar fogo um instante e em seguida mantem-se em ebulição durante vinte minutos.

N'uma vasilha amassa-se duas colheres de farinha de trigo com manteiga e um pouco do môlho; junta-se, mexendo sempre, essa liga á panchouse, deixa-se cozinhar em fogo lento. Retiram-se as postas de peixe.

Fazem-se fritar fatias de pão na manteiga, esfregam-se com alho as postas de peixe no meio d'uma travessa, as torradas em volta; despeja-se por cima o môlho.

CASSOULET
DE TOULOUSE

Põe-se de môlho na vespera um litro de feijão branco; no dia seguinte de manhã põe-se para cozinhar na agua e sal: na primeira fervura retira-se do. fogo; deixa-se esfriar antes de coar a agua e em seguida despejam-se os feijões dentro d'uma panella com agua em ebulição, com um bouquet de cheiros, uma folha de louro, um aipo e duas cenouras cortadas em pedaços e um pedaço de lombo salgado.

A tres quartos do cozimento, faz-se refogar num pouco de azeite um dente de alho esmagado, dois tomates, toucinho picado; quando tudo tiver tomado uma bonita côr dourada junta-se uma linguiça e despeja-se tudo dentro da panella do feijão; deixa-se cozinhar em fogo brando durante uma bôa meia hora.

Num prato que vá ao forno despeja-se dentro o feijão, cortam-se o lombo e a linguiça em pedaços e arrumam-se por cima; salpica-se com farinha de rosca e vae tostar no forno.

FILET A'
LA SAVOYARDE

Lardeia-se um filete de carne de vacca com um dente de alho cortado em seis pedaços e tiras de toucinho. Envolve-se n'uma tira de pelle de toucinho. Assa-se no espeto ou, na falta desse, no forno.

Cortam-se, em dados, fundos de alcachofras já cozidos na agua; faz-se tomar côr n'um pouco de môlho, salpica-se com um pouco de farinha de trigo, junta-se um pouco de agua quente, alguns tomates e uma cebola pequena ralada. Deixa-se cozinhar em fogo brando um quarto de hora. Na occasião de servir mistura-se nesse môlho o da carne já desengordurada e umas vinte azeitonas sem as sementes.

FLAMECHE PICARDE

Num copo e meio de agua morna e temperada com sal, faz-se derreter 50 grs. de manteiga, e junta-se egual quantidade de farinha de trigo; amassa-se; em seguida faz-se uma bola da massa e deixa-se descançar uma meia hora.

Durante esse tempo, raspa-se e corta-se em pedaços d'um centimetro o branco dos alhos poireaux. Refogam-se n'um pouco de manteiga, tempera-se com sal e pimenta.

Unta-se levemente uma fôrma com manteiga e forra-se com a massa; despeja-se dentro o picado de alho poireau, cobre-se com o resto da massa, deixando no centro um furo que se mantém aberto com um papel enrolado: pinta-se com clara de ovo. Põe-se para assar em forno bem quente, são necessarios uns tres quartos de hora pouco mais ou menos. Com um funil rega-se dentro com um môlho de leite e manteiga.

Este prato é muito apreciado em toda a Picardia onde o comem nos dias de festa acompanhado com a cidra.

-:- Toilettes para luto -:-

1 — Vestido de crêpe Georgette, guarnecido com nervures, golla e gravata de crêpe inglez. 2 — Vestido de crêpe da China preto, tunica subindo d'um lado, golla trançada de crêpe inglez. 3 — Vestido de crêpe marocain preto, prega dupla pespontada na frente, golla e jabot de crêpe inglez. 4 — Vestido de crêpe da China preto, frente applicada e guarnecida com botões, saia cortada en-forme. Golla amarrada de crêpe inglez.

OVOS EM MEURETTE

Refoga-se em fogo brando, na manteiga, toucinho cortado em pedacinhos, uma cebola, um dente de alho; junta-se um bouquet de cheiros, uma folha de louro; salpica-se com um pouco de farinha de trigo, molha-se nas proporções d'um quarto de caldo para tres quartos de vinho tinto, mexe-se com uma colhér de páu até que o môlho fique bem ligado; deixa-se cozinhar em fogo muito brando uns vinte minutos.

Côa-se esse môlho, tempera-se com sal e pimenta e juntam-se os torresmos (que cozinharam com o môlho); deixa-se ferver antes de quebrar dentro os ovos um a um; toma-se bastante cuidado para que elles não peguem no fundo da panella. Serve-se juntamente com torradas fritas na manteiga e esfregadas com alho.

RAISINE'
DE BOURGOGNE

Debulham-se cachos de uvas pretas, bem maduras e doces; espremem-se os bagos dentro d'um panno humido.

Faz-se ferver o caldo obtido dentro d'uma panella esmaltada (em perfeito estado). Mexe-se e escuma-se até ficar reduzido a metade.

Joga-se dentro então pedaços de abobora e de pera sem as cascas e sementes. Deixa-se cosinhar até que se possa fazer entrar uma palha nas fructas.

Esse doce pode ser guardado em potes; depois de frio cobre-se com uma rodella de papel embebida em aguardente e amarra-se um outro papel em volta do pote, de maneira a isolar completamente do ar.

Pensamentos

No homem mais forte resta sempre qualquer coisa da creança, e no amor da mulher é preciso que se misture um elemento maternal, terno, comprehensivo, paciente, sensato e sem egoismo prompto a supportar e a perdoar; a sua força não póde ser perfeita senão na fraqueza.

FLORENCE BARCLAY

❋

Almocem copiosamente, mas comam pouco á noite. O sensato sae da meza com fome. O sensato faz como isso muitas outras coisas amoladoras, mas proveitosas.

❋

Mais o amor é deciado, mais preoccupações sente.

LOPE DE VEGA.

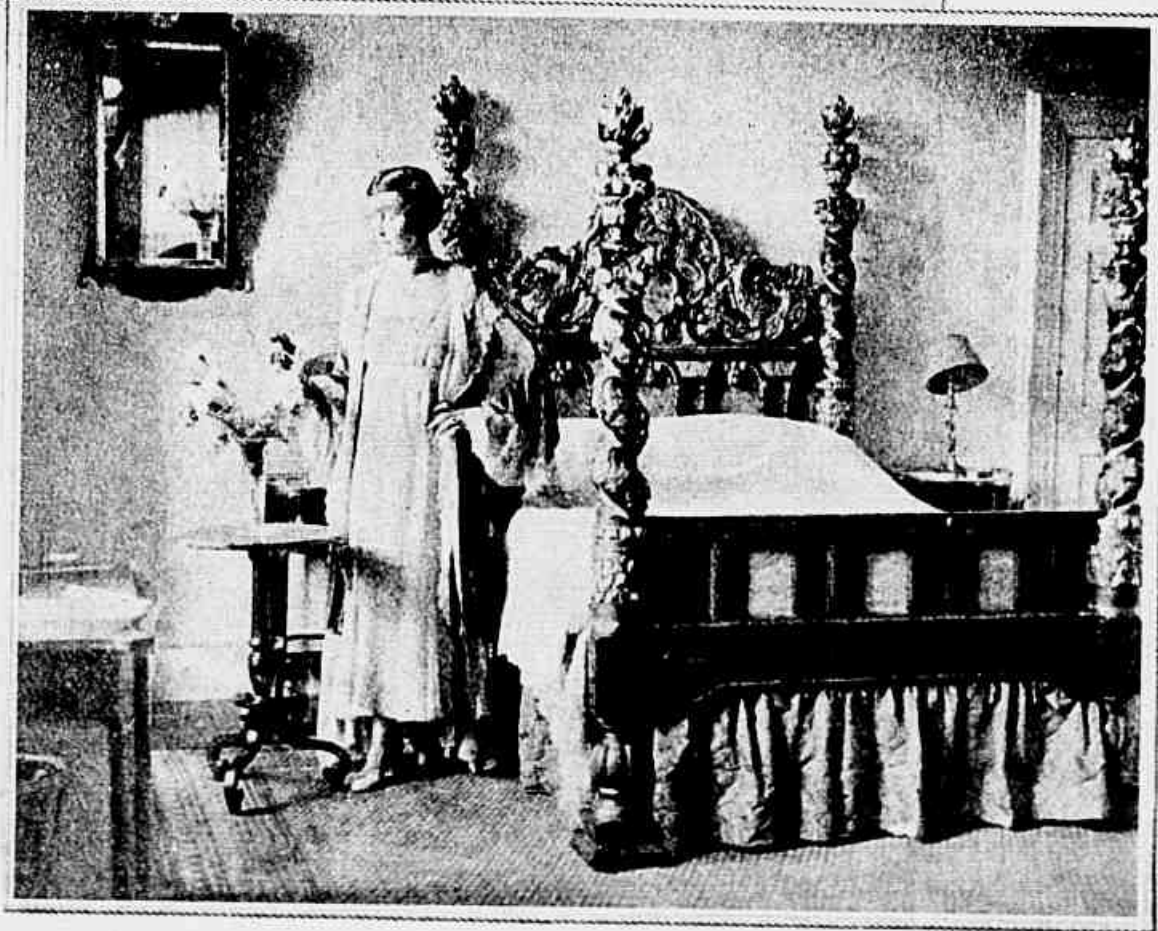
O PAE DA CIRURGIA

Ambroise Paré.

Foi na aldeia de Bourg-Hersent, perto de Laval (França), que Ambroise Paré, quarto filho d'um modesto operario que fabricava cofres nasceu — não se sabe exactamente se foi em 1509 ou em 1510. Parece que a sua vocação para a cirurgia se declarou muito cedo, porque estreou como barbeiro. Naquelle tempo a arte da cirurgia estava estreitamente ligada com a do barbeiro.

Nas cidades já havia cirurgiões de profissão, mas nas aldeias eram os barbeiros que praticavam as sangrias receitadas pelo medico, que encanavam pernas e braços partidos assim como punham no lugar os membros deslocados.

Foi na barbearia da sua aldeia que Ambroise Paré começou a aprender o seu officio de cirurgião. Um velho medico de Laval, tendo uma vez observado a sua extrema habilidade, levou-o para a cidade, fez lhe ensinar o latim e alguns rudimentos da sua arte. Em seguida mandou-o para Paris. Foi isso em 1528, tinha então Ambroise Paré dezenove ou vinte annos. Seguiu as lições e a pratica de diversos cirurgiões de fama; no anno seguinte entrou para o Hotel-Dieu de Paris — foi festejado solemnemente pela Academia de Medicina o quarto centenario da sua entrada para esse hospital. Durante alguns annos trabalhou como interno sob a direcção de Jacques Dubois, conhecido por Sylvius, o

Castellos da Inglaterra ---- O CASTELLO DE KNOLE

O actual dono do castello é Lord Sackville, o quarto barão deste titulo; Lady Sackville, sua esposa, era em solteira miss Anna Meredith Bigelow, de Nova-York. Lord Sackville herdou o castello e o titulo do seu irmão em 1928. O castello de Knole, que pertence á familia Sackville-Wests, é um dos mais celebres da Inglaterra. Tem 365 quartos, 52 escadas, innumeros salões e mais dependencias, além da casa forte que possue para guardar as obras d'arte. Muitos personagens reaes já se hospedaram alli. Mrs. Harold Nicolson, em solteira Victoria Sackville-West, filha do terceiro Lord Sackville, é escriptora e poetisa. Escreveu um livro sobre Knole, castello onde passou sua infancia. Descreveu o celebre castello no romance chamado "The Edwardians", onde deu ao castello o nome de "Chevron". Ao alto — Lady Sackville no jardim do castello, junto á cerca das suas celebres wisterias. Em baixo — Lady Sackville no quarto que foi occupado pela rainha Victoria na sua visita ao castello de Knole.

mais celebre dos operadores da época.

Quando a guerra foi declarada pela terceira vez entre Francisco I e Carlos V, Ambroise Paré acabava de conquistar brilhantemente o seu diploma. Que terreno mais favoravel para os estudos e progressos da sciencia que o dos campos de batalha? O jovem medico foi arrolado entre os cirurgiões do exercito do senhor de Montejean, que partia a guerrear no Piemonte.

Não é inutil resumir em poucas palavras a historia do serviço de saude no tempo de guerra. Os èxercitos gregos tinham nas suas fileiras cirurgiões e medicos que soccorriam os feridos nos campos de batalha, mas não se encontra nos historiadores da Grecia antiga nenhuma referencia ao que podia constituir hospital ou ambulancia militar.

No emtanto, já existia entre os Romanos. As legiões eram providas de cirurgiões e mesmo de enfermeiros. Végèse conta que em tempo de guerra tinham uma especie de hospital movel chamado: "Valetudinarium". Antes da batalha, os chefes marcavam, na retaguarda, lugares onde os feridos deveriam ser transportados e tratados antes de serem mandados para o hospital.

Eram estes postos de soccorro parecidos com os dos exercitos modernos.

A organização do serviço de soccorro nos exercitos desappareceu, como tantos outros progressos da civilização antiga, nas trevas da Idade-Media.

Antes do seculo XVI — quer dizer até á época em que Ambroise Paré começou a exercer sua arte nos exercitos — a ambulancia não existia. Abandonava-se os feridos sobre o campo de batalha: elles que procurassem os meios de fugir como pudessem ou se resignassem a ser massacrados pelo inimigo vencedor! Sómente os nobres cavalleiros recebiam o soccorro de medicos especialmente contratados para cuidar das suas pessôas.

Percy, o celebre cirurgião do Primeiro Imperio, que fez minuciosas pesquizas sobre a organização desse serviço no passado, conta no emtanto que no fim do seculo IX, no exercito do imperador Leão IV, cada cohorte (decima divisão de uma legião) contava uma duzia de homens que marchavam na vanguarda e que estavam designados para carregarem os feridos e levantarem os guerreiros que cahiam dos cavallos. Como naquelle tempo tinham uma pesada cota de malha era-lhes impossivel levantarem-se sózinhos quando cahiam no chão.

Os maqueiros naquelle tempo eram acompanhados por um cavallo que transportava duas pequenas escadas para facilitar a subida dos feridos. Recebiam uma retribuição por cada ferido salvo.

Mas parece que esta tão util instituição teve uma duração muito ephemera. Em França, pelo menos, foi sómente no cerco de Amiens, em 1590, que se viu apparecerem as primeiras ambulancias. E' nesse tempo tambem que foram creados na retaguarda os verdadeiros hospitaes para onde eram mandados os feridos.

Como se vê, na época em que Ambroise Paré começou sua carreira de cirurgião militar, esse serviço nos exercitos era dos mais rudimentares.

Dois preconceitos reinavam contra os quaes o jovem cirurgião logo se insurgiu.

Acreditavam que os projecteis lançados pelos arcabuzes e canhões queimavam as carnes e envenenavam as feridas.

Vestido de toile de seda rosa, na saia babados en-forme. Carreira de botões de galalithe do mesmo tom guarnece a frente. Laço do proprio tecido.

Tailleur de crepe marocain azul marinha, guarnecido com pesponto. Bluza de crepe da China branco.

1 — Vestido genero princeza de crepe da China de lã beige. Golla e plastron de crepe georgette branco. Guarnição nas mangas e na golla de velludo beige. 2 — Vestido de toile de seda azul claro, botões de galalithe do mesmo tom; golla e punhos de linon branco bordados com linha azul.

1 — Tailleur de crepe da China azul marinha, com xadrez branco. Bluza de crepe da China branco. A guarnição do casaco é feita com o mesmo crepe da bluza. 2 — Tailleur de lã branca: o casaco com viézes de seda vermelha; a bluza de jersey de seda branco, vermelho e preto.

Para derrubar essas crenças absurdas, Ambroise Paré fez disparar arcabuzes contra saccos cheios de poeira de carvão de lenha.

O carvão não se incendiou: portanto os projecteis não podiam queimar.

O segundo preconceito fazia com que praticassem terrivel crueldade.

Sob o pretexto de neutralizar o veneno espalhado nos ferimentos pelos projecteis, tratavam-n'os com azeite fervendo. O remedio era ainda peior que o mal. Ambroise Paré empregou sómente o oleo fresco: os ferimentos curavam-se muito mais depressa e os feridos aos quaes foi evitada uma verdadeira tortura abençoavam unanimemente o nome do cirurgião.

Para fazer parar as hemorrhagias nas operações tinham então apenas naquelle tempo a applicação do cauterio. Paré teve a ideia de ligar as arterias. Foi este um dos traços mais importantes da sua obra de innovador. Mas teve muitos outros. Simplificou o tratamento das fracturas e das luxações, imaginou muitas operações novas e tirou outras do esquecimento onde tinham cahido. E' bem justo ser chamado o Pae da Cirurgia.

Durante dezoito annos, quasi sem descanso, prodigalizou a sua sciencia aos exercitos em campanha.

Depois da morte do sr. de Montejean, seguiu Henri de Rohan e assistiu com elle á batalha de Perpignan, onde trata e cura o marechal de Cossé-Brissac, ferido gravemente no hombro direito; depois segue para a Bretanha. Em 1544 assiste ao cerco de Guise. Em 1545 segue para Boulogne-sur-Mer, onde tratou de numerosos soldados e officiaes feridos no ataque daquella praça.

Mas isso não impede de fixar para seus emulos e para seus successores as praticas dessa sciencia que lhe deve tantos progressos.

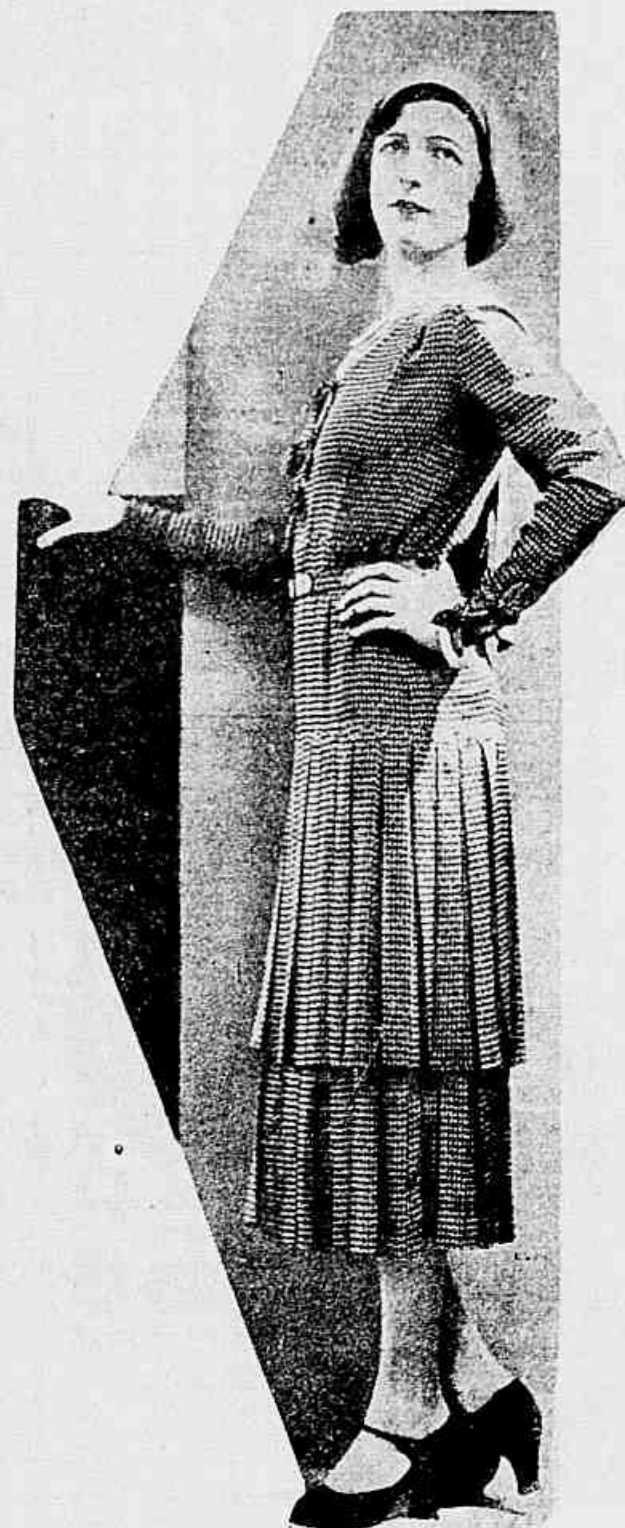
Publicou naquelle anno seu livro sobre o "Methodo de tratar os ferimentos produzidos por arcabuzes e outras armas de fogo"...

Foi em Boulogne que operou o duque de Guise. "O citado senhor, conta Paré, recebeu um golpe de lança que entrou em cima do olho dextro, declinando para o nariz, passando através, entre a nuca e a orelha, com tão grande violencia que o ferro da lança e uma parte do páu ficaram dentro do ferimento... O cirurgião não hesitou: foi buscar as tenazes do ferreiro e "arrancou com toda sua força, vindo junto ossos fracturados, veias e até arterias...

Mas apezar de tudo, com a graça de Deus, o tal senhor ficou curado..."

O cirurgião era habil, mas o ferido devia ser muito resistente.

Em 1555, Paré, acompanhou ainda o duque de Rohan na campanha do Lu-

— Foste á agencia procurar criada?
— Fui, mas em má occasião: por acaso, todas as que lá havia já tinham estado lá em casa.

Vestido de crepe da China de xadrez amarello e preto. Saia com dois babados pregueados.

Toilette para a noite de setim preto, a saia com tres babados. Fita de velludo azul formando cinto e amarrando na frente num longo laço.

Toilette de baile de setim azul-pastel, a saia cortada muito en-forme. Forro de lamé de prata e grande laço do proprio tecido.

Vestido de crepe georgette rosa pallido, guarnecido com tiras applicadas, a saia en-forme termina com uma cauda.

xemburgo e ficou preso em Metz cercada por Carlos V.

Emfim no anno seguinte voltou para Paris. O successo das suas operações tinha-o precedido. Foi admittido, sem ter que prestar exames, como professor na Escola de Cirurgia de Saint-Cosme.

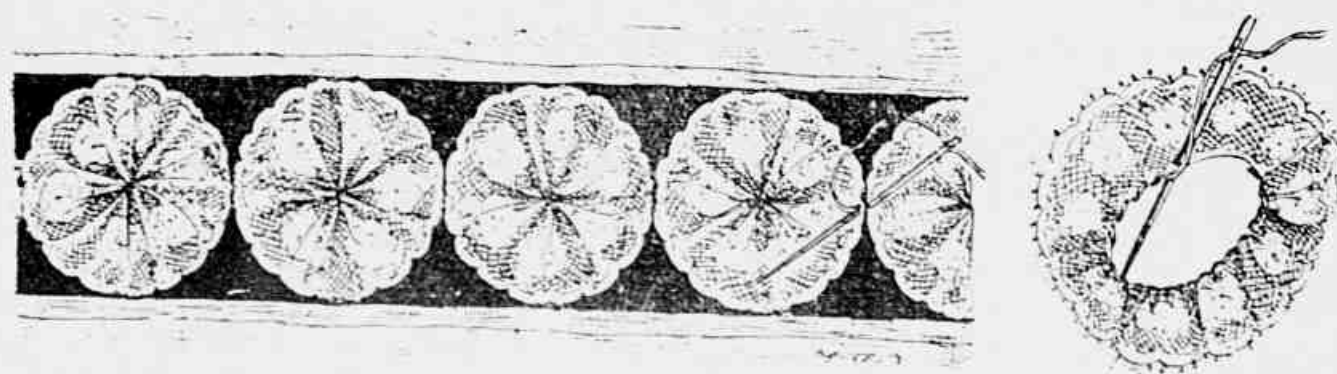
Teve que voltar novamente para o exercito. Na desastrosa batalha de Saint-Quentin, em 1558, fez verdadeiros prodigios salvando numerosos feridos.

Henrique II chamou-o para Paris e fez com que fizesse parte dos quatorze "cirurgiões criados de quarto". Teve o mesmo posto no tempo de Francisco II. Mas Carlos IX nomeou-o seu primeiro cirurgião.

Paré era protestante. Na noite da Saint-Barthélemy foi preservado do massacre pela vontade real. "O rei, conta Brantome, gritava sem cessar: "Matem! Matem!" Um unico quiz elle salvar: Ambroise Paré seu primeiro cirurgião; escondeu-o no seu proprio quarto, dizendo que não era razoavel que aquelle que podia servir a todos fosse morto..."

O illustre cirurgião terminou a sua nobre carreira na sua casa da rua Arondelle, no dia 20 de Dezembro de 1590, com a idade de oitenta annos. Tinha servido quatro reis, e levado o soccorro da sua sciencia durante trinta annos nos campos de batalha. Fez com que a cirurgia conseguisse grandes progressos e mostrou tanta dedicação como modestia. "Trato-os, mas é Deus quem os cura", dizia elle quando o felicitavam de ter salvo algum grande personagem.

Os chefes mais illustres disputavam-no; até os proprios chefes inimigos. Em Hesden, o principe Eugenio de Saboia, que o tinha visto agir, fez-lhe as mais brilhantes propostas. Mas Paré, bom patriota como bom cirurgião, respondeu-lhe com estas simples palavras: "Nunca servirei os inimigos da minha patria".

Guarnição de renda para vestido de creança

Para os vestidinhos de creança ou para roupa de baixo é esta guarnição muito interessante e de facil execução. Empregam-se essas rodellas de renda *valenciennes*, tendo um centimetro de altura e cinco de comprimento, applicadas sobre o tecido e bordadas em toda a volta com um ponto de festão para poder ser cortado o tecido por baixo ou em entremeio, unindo-se as rodellas por viezes estreitos e pespontados á machina. Querendo, póde-se bordar no centro de cada rodella um grupo de pontos de nó feito com linha amarella ou mesmo com linha branca, o que dará um aspecto de flôr á guarnição.

Mme. Selda Potocka, especialista diplomada, responderá a todas as consultas sobre o tratamento hygienico da pelle, do cabello e saude da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Haritoff n. 6 — 1.º andar — Copacabana.

Mlle. Guido — Todos os medicos reconhecem o tratamento hygienico indispensavel á conservação da frescura da pelle. Para conservar a elasticidade dos tecidos, o grande preservativo da ruga não é apenas usar agua, sabonete e um pó de arroz aromatico. Para limpar, desinfectar os póros, amaciar e refrescar a pelle antes de deitar, estender sobre o rosto o *Crême de Massagem*, calcando com as pontas dos dedos, durante dois minutos. Em seguida applique o *Pó de Massagem*. Desfaz-se uma colhér de pó em tres colheres de agua, removendo em seguida com uma lavagem em agua morna ou fria e sabonete *Sylkale*, juntando á agua uma colher de *Tonico da Pelle*. Depois de lavado e enxuto o rosto, applica-se a *Loção de Embellezar a Pelle*. A pelle fica suave e macia como um velludo.

De manhã faz-se a massagem no rosto, pescoço e mãos com o *Crême de Massagem* e, depois de lavado o rosto com sabonete *Sylkale*, applicar a *Loção Adstringente*, que offerece adherencia ao *Pó de Arroz Hygienico*, corrige a dilatação dos póros e branqueia a pelle. Este cuidado com a pelle é immediatamente benefico.

Regina — O rouge *Resila* applica-se com um pouco de algodão, antes de applicar o pó de arroz. E' o mais efficaz substituto da côr natural. Imprime um colorido muito delicado e fino; tanto serve para colorir os labios como as faces.

Luiz (Bello Horizonte) — Mais vale prevenir que remediar. Afastando promptamente a caspa, não será difficil conservar sempre a saude do cabello. A alarmante queda do seu cabello pode ser atalhada por este tratamento muito simples. Dissolva uma terça parte do conteúdo da caixa do meu *Shampoo-Pó* em ½ litro d'agua morna e bata com uma colhér durante dois minutos. Com este liquido espumoso lave a cabeça e depois em varias aguas limpas. Diariamente molhe bem o couro cabelludo com o *Tonico n. 9*: destroe completamente a caspa, evita que o cabello cáia e estimula o crescimento do cabello. Deve lavar a cabeça de 7 em 7 dias.

Lisa — Nunca se póde prevêr o tempo que demorará a cura. A electrolyse é o unico processo radical garantido para destruir os pellos do rosto. Encontra-me todos os dias das 11 ás 4. Rua Haritoff fica em frente do Restaurante Lido.

SELDA POTOCKA

Delmo Targinio (Pernambuco) — O "Tartaro Negro" é trabalho do nosso distincto collega Thiers Perissé.

Esse distincto profissional apresentou, ha tempos, em sessão da Associação Central Brasileira de Cirurgiões-Dentistas, o resultado de suas observações.

Varios collegas dizem carecer de estudos especiaes o importante assumpto, pois já observaram em muitos casos a existencia de uma pigmentação escura nos dentes dos tuberculosos e pre-tuberculoses.

O nosso collega Perissé continúa nas suas investigações scientificas, devendo voltar a occupar a tribuna da Associação, sobre o mesmo assumpto, no proximo mez de Abril.

Felix Duarte e Silva (Minas Geraes) — Deve collocar depois de preparar convenientemente a cavidade.

Mirian Lopes (Minas Geraes) — E' aconselhado o seu uso durante o tratamento mercurial.

Renato Vianna Rodrigues (Minas Geraes) — A causa talvez resida nos intestinos.

F. I. (S. Paulo) As sessões scientificas da Associação Central Brasileira de Cirurgiões Dentistas terão inicio no proximo mez de Abril.

Já se acham inscriptos os distinctos collegas Henrique Carpenter, Benjamim Gonzaga, Thiers Perissé e muitos outros.

Moreira Barbosa (S. Paulo) — Antes de deitar-se, de preferencia.

Yara (Rio Grande do Norte) — Compressas quentes na região inflammada.

Vicente Luz (Rio G. do Sul) — Carbonato de calcio 12,0; Iris em pó 12,0; Sabão branco 6,0; Borax pulverisado 6,0; Glycerina, q. s. para uma pasta molle.

Carlos Novaes (S. Paulo) — Deve mandar remover as raizes inaproveitaveis.

Darcio Fonseca (Rio G. do Sul) — Só com a prova radiographica.

C. I. A. A. (Sta. Catharina) — Alcool a 90º — 150,0; Thymol 0,25; Alcoolatura de cochlearia e Alcoolatura de melissa, ãã 0,25; Tintura de rathania 10,0; Essencia de hortelã, 0,25; Essencia de cravo 0,50.

15 gottas em um copo com agua.

ALEXANDRINO AGRA.

Acha-se á venda o

Preço para todo o BRASIL
5.000 Rs

• Cia. EDITORA AMERICANA •